N.º 6 ★ 8-2-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

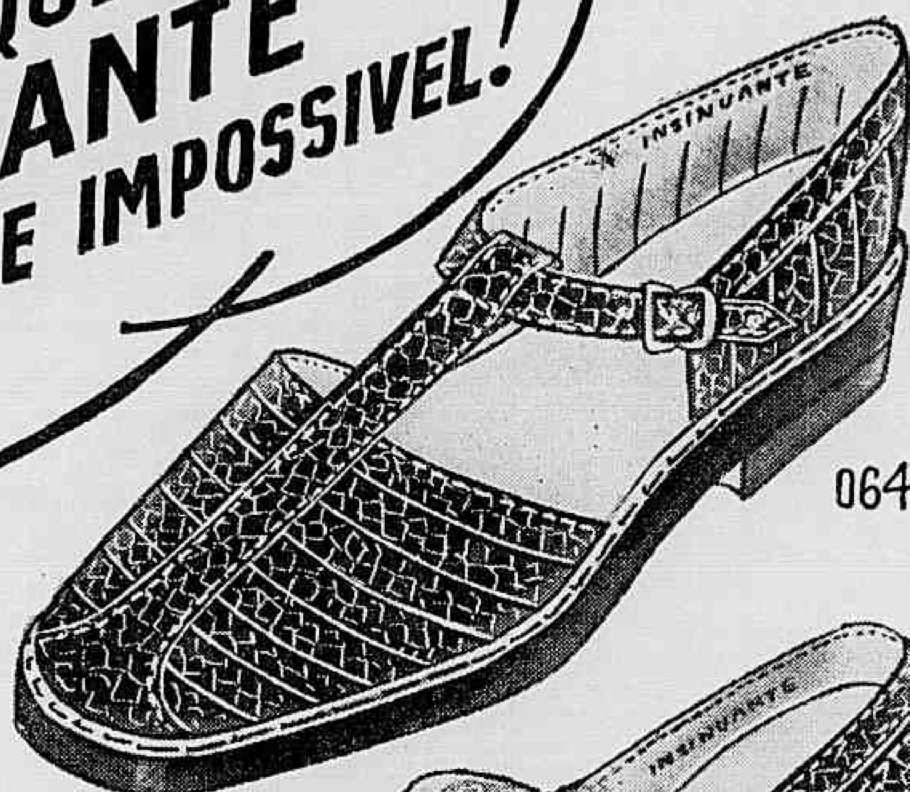


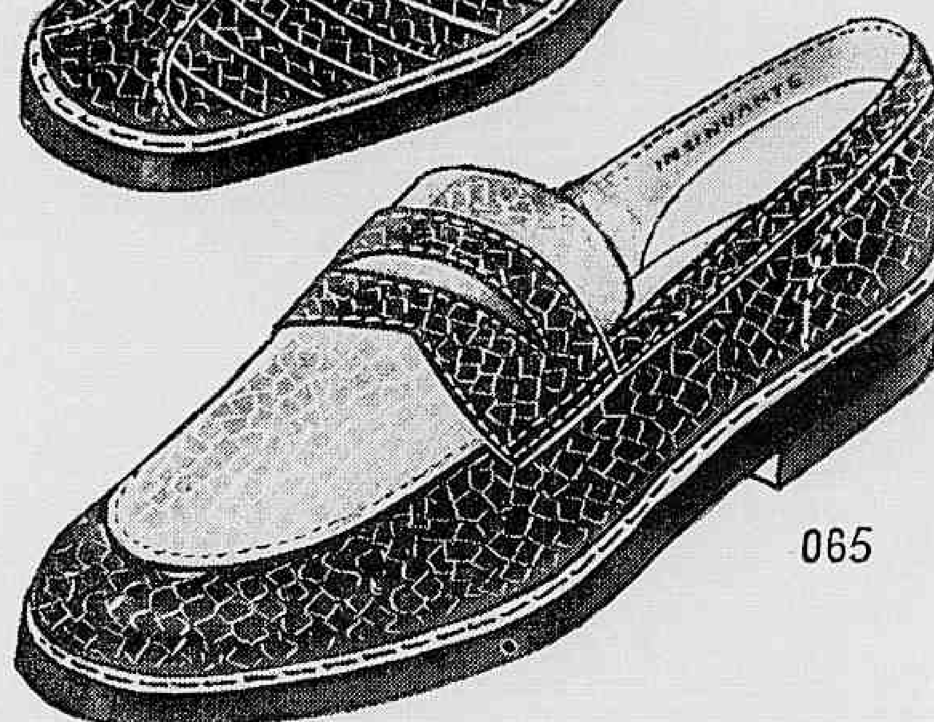
A CENA muda

RÁDIO
CINEMA
MÚSICA
VARIEDADES



COMPRAR POR MENOS
É HUMANO! MAS,...
...POR MENOS QUE NA
INSINUANTE
É HUMANAMENTE IMPOSSIVEL!





064 — Cr$ 98,00. Ótimo sapato-sandália, estampado vinho, com salto de borracha. 100% másculo. Numeração de 36 a 44.

065 — Cr$ 98,00. Formidável sapato marron c/branco para êste verão com salto de borracha. Numeração de 36 a 44.

Não trabalhamos com reembôlso postal. Remetemos para todo o Brasil, porte 5 cruzeiros.

insinuante

Devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA, E TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

CARIOCA, 46-48 - 7 de SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG.

A CENA muda

Semanário de ARTE

Ano 30 ★ N.º 6, de 8 de fereveiro de 1951

★

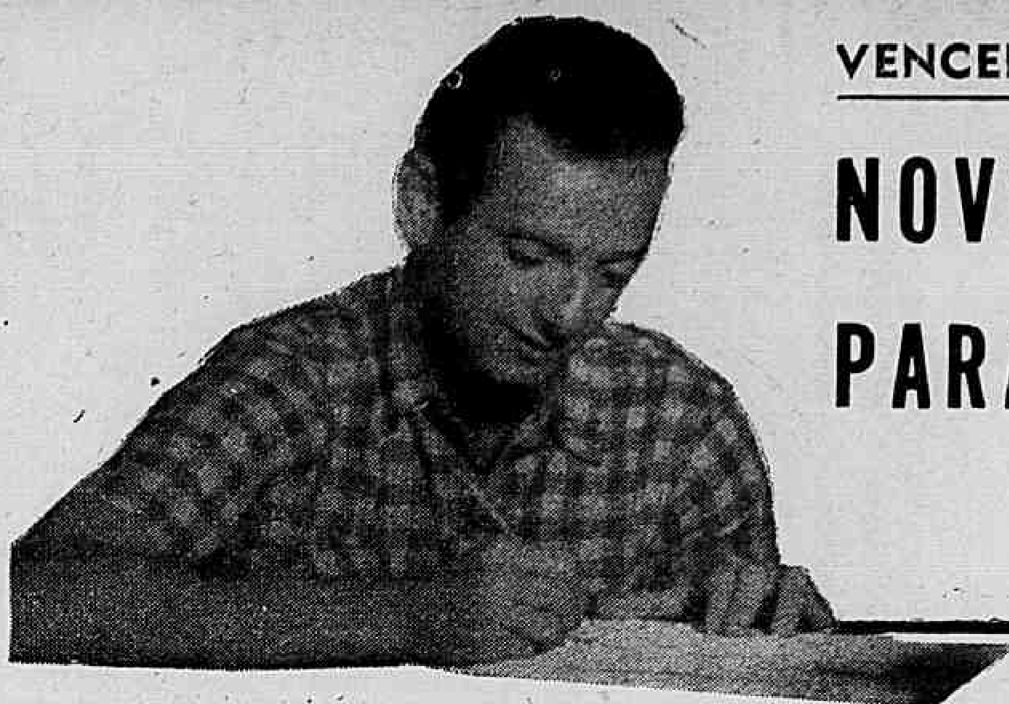
SUMARIO:

Novos rumos para o cinema (Leon Eliachar) 3
Anthony Curtis, a caminho da fama 4
Os cartazes internacionais dominaram (Armando Migueis) 7
Algemas de cristal (cine - romance) 8
A loucura dos programas de auditório (Max Gold) 12
Cine - Teste 13
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
O cavaleiro de Sherwood (cine - romance) 15
Maria Dela Costa voltará ao cinema? 18
A marcha do cinema brasileiro 20
Flashes nacionais 21
Mexericos 21
Crônicas de Buenos Aires (Alberto Conrado) 22
Rádio - Inquérito 23
John Ford de novo no oeste.. 24
Bárbara Stanwyck (close-up). 26
Melodias para você 27
Correio do fã 28
Telas da cidade 29
Coluna do fã 29
Arquivo (Brooklyn Jack)..... 32
Música (O. Cunha) 33
Pausa para meditação 34
Noticias 34

CAPA:
ANN BLYTH
(Universal-International)

★

A redação não se responsabilisa pelos trabalhos assinados.



VENCENDO A CENSURA

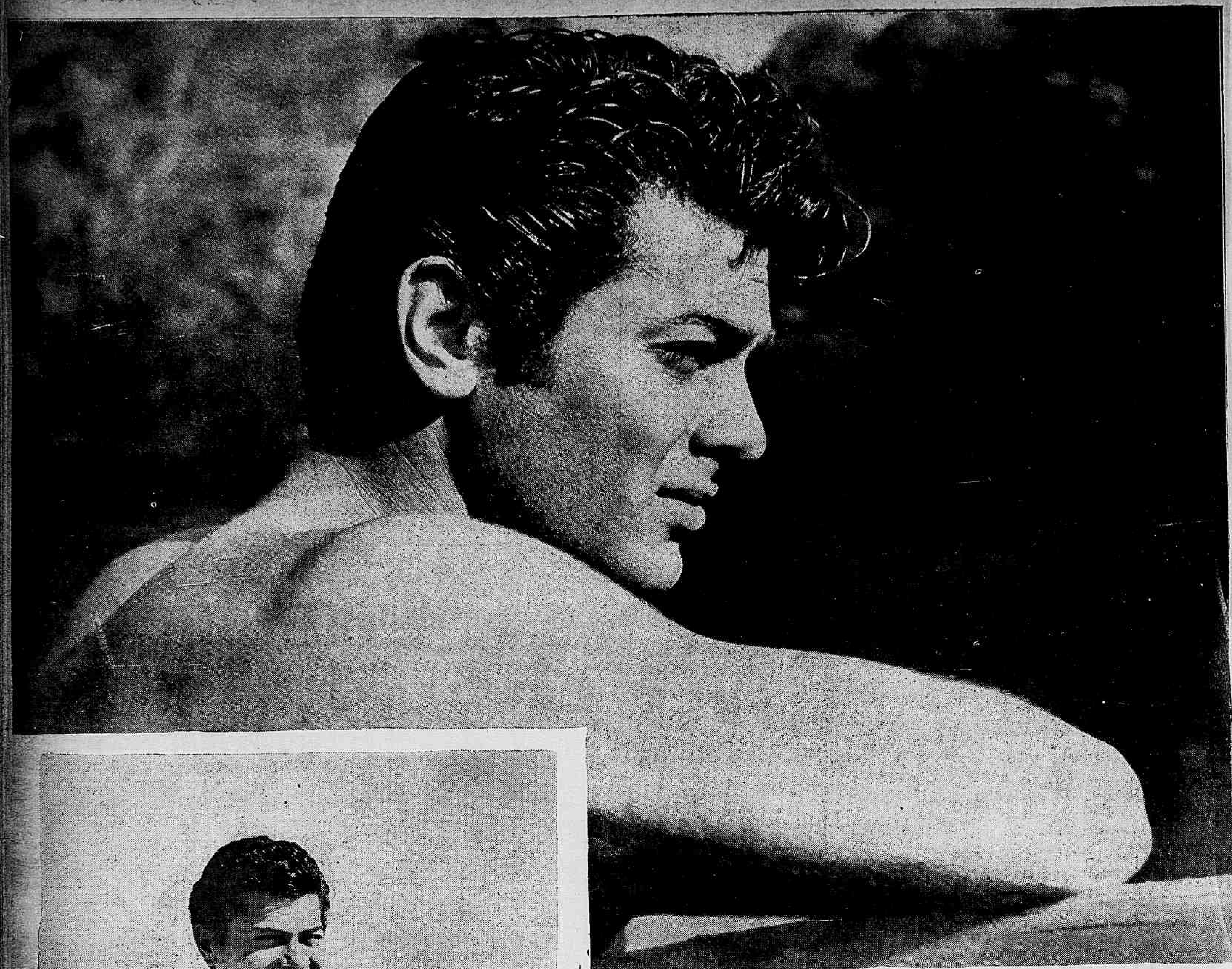
NOVOS RUMOS PARA O CINEMA

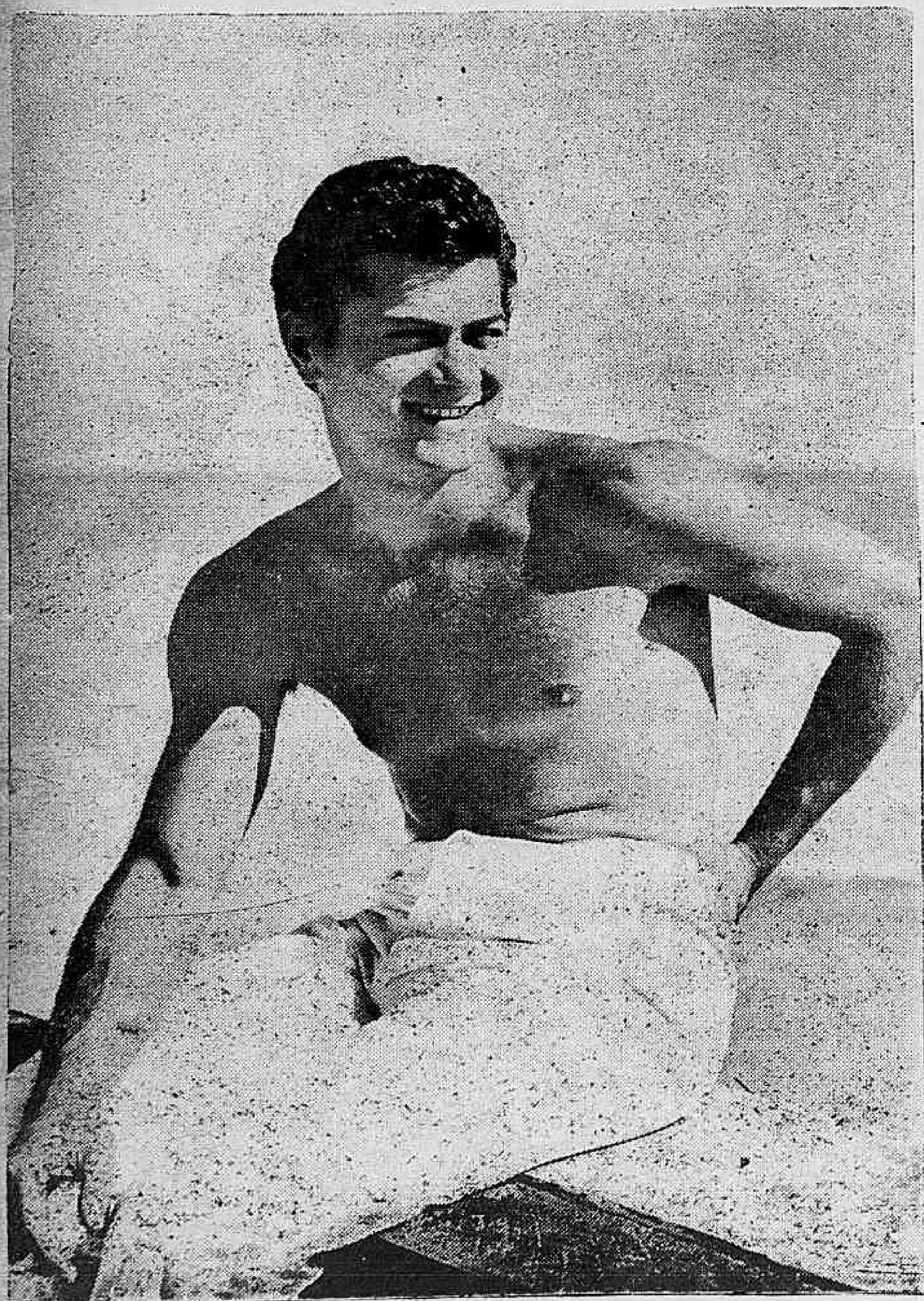
HÁ alguns anos atrás, cinema era simplesmente um divertimento com probabilidades concretas de grandes lucros. Explorava-se o amor como tema universal e inesgotável, tanto para comédias como para dramas passionais. Criavam-se fórmulas que até hoje vêm sendo obedecidas à risca — e tudo girava em tôrno do eterno triângulo. Na América, Hollywood preocupava-se quase que exclusivamente com os **westerns;** no México, escritores de segunda linha exploravam o sentimentalismo barato do povo com seus dramalhões inverossímeis; em França criavam-se histórias originais e não muito convincentes — e pouco mais se fazia em outras regiões do mundo. Estourou a guerra. Uma chuva de filmes bélicos, a maioria dos quais com intuitos publicitários, infestou as telas mundiais. A técnica progredia. A Inglaterra e a França conseguiram igualar-se em aparelhamentos e sua técnica nada ficava a dever aos gênios de Hollywood. Ídolos estrangeiros igualavam-se em popularidade aos deuses americanos. A concorrência forçava os mercados internacionais e ameaçava a soberania californiana. A Itália, erguendo-se das ruínas de uma guerra cruel, levantava-se aos olhos do mundo, focando o seu drama interno, criando o chamado néo-realismo que viria mais tarde a ser copiado por outros países. Os dramas passionais passaram a ser encarados como doença da alma e eram analisados à luz da psicanálise. O cinema parecia ter descoberto Freud. Os argumentos tomavam novas fôrças; o público estava se cançando de tanta falsidade. E novos rumos eram traçados para o cinema.

Mas ainda havia, em tudo isso, uma forte barreira que, gradativamente, iria sendo vencida: a Censura. Especialmente nos Estados Unidos, onde tudo é bom e de primeira, era extremamente proibido aos verdadeiros artistas encararem a verdade como ela realmente é. Havia certas imposições que deviam ser obedecidas. E ainda as há — e muitas. Mas argumentistas e cenaristas corajosos, manipulados por diretores audaciosos, enfrentaram a parada com habilidade e resolveram utilizar o cinema como um veículo social, onde a verdade seria focalizada cruamente, sem rodeios e sem falsidades. E foi justamente aí, onde se verificou que a tão apregoada democracia americana era verdadeira. Doesse a quem doesse, o cinema seria uma fonte livre do pensamento para o mundo. E os problemas de ordem social começaram a ser abordados.

Elia Kazan deu o primeiro passo, apresentando "A Luz é para todos", drama racial, onde se combatia o preconceito de religião ante-semita, muito em voga na América. "Rancor", de Dmitryk, seguiu-lhe o exemplo de perto. Houve celeumas, polêmicas, ataques e defesas. Mas os filmes correram mundo. "A Morta Viva", de Jacques Tourneur, encarava, de forma cinematográfica segura, o problema das macumbas. Romperam-se as correntes da Censura e a película foi projetada. Uma série de fitas onde se aborda o tema racial do negro está sendo exibida atualmente nas telas universais: "Clamor Humano", de Mark Robson; "O Ódio é Cego", de Joseph Mankiewikz, e "Fronteiras Perdidas", de Louis de Rochemont, são películas vigorosas que tendem a abrir os olhos dos espectadores. "Ladrões de Biciletas", de Vittorio de Sica, focaliza o drama do desempregado na Itália, que é o mesmo drama de qualquer desempregado em qualquer parte do mundo. "O Caminho do Diabo" de Anthony Mann, e "Flechas de Fogo", de Delmer Davies, pintam os índios norte-americanos como sêres humanos, e relatam as injustiças que lhe são feitas pelos brancos. "Vítimas do Destino", de Julien Duvivier, e "À Margem da Vida", de John Cromwell, penetram em flagrante na vida comum das penitenciárias, revelando a cru os seus problemas e de seus sentenciados. E assim como êsses, uma série enorme de películas construtivas, com finalidades sociais, vêm sendo elaboradas em diversos estúdios. Enredos inteligentes, bem adaptados e bem conduzidos, conseguem serrar os grilhões perniciosos das Censuras obtusas que atravancam os caminhos da Arte. E o próprio mundo ficará se conhecendo melhor, através das lentes poderosas das câmaras cinematográficas, que encontraram, finalmente, um novo caminho a explorar, uma nova missão a cumprir: ajudar o mundo a compreender-se, apontar as qualidades e defeitos da própria humanidade. Os problemas são focalizados; resta apenas que se apresentem soluções para êles. Então o cinema terá cumprido fielmente uma de suas grandes finalidades.

leon eliachar





ANTHONY CURTIS, A CAMINHO DA FAMA

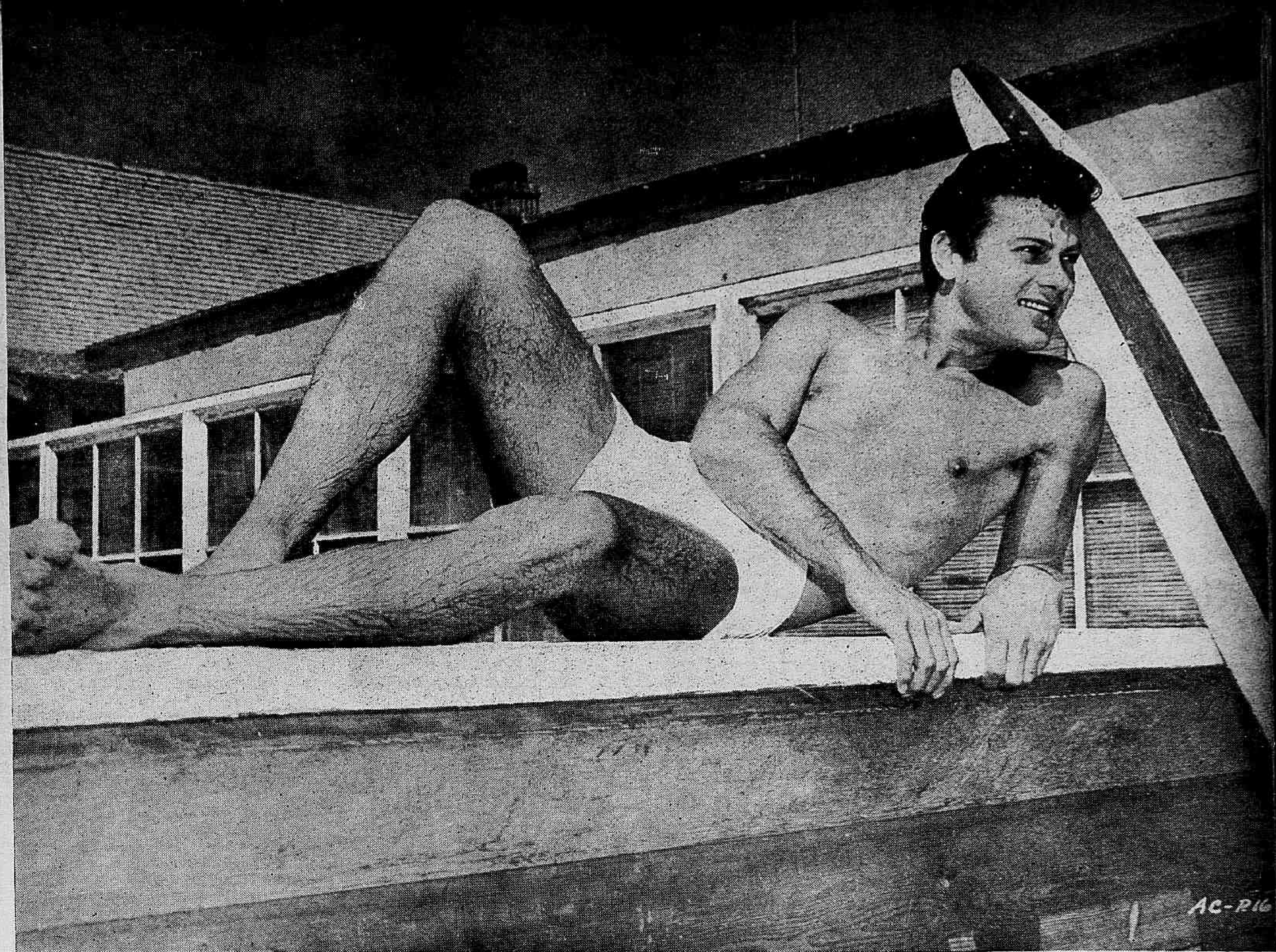
A fortuna, certamente é caprichosa, porém geralmente, se entrega aos que a perseguem com perseverança. Para triunfar no cinema por exemplo, não basta sòmente possuir beleza e talento, é necessário cultivar e desdobrar estas qualidades e até mesmo, adotá-las às modalidades especiais do cinema.

Os astros que surgem de um dia para outro, são verdadeiras excessões. E' comum e muito natural que os astros comecem como figuras secundárias e abram caminho à força a fim de purificar sua arte através de atuações contínuas de valor relativo, sem desanimar perante as dificuldades e injustiças.

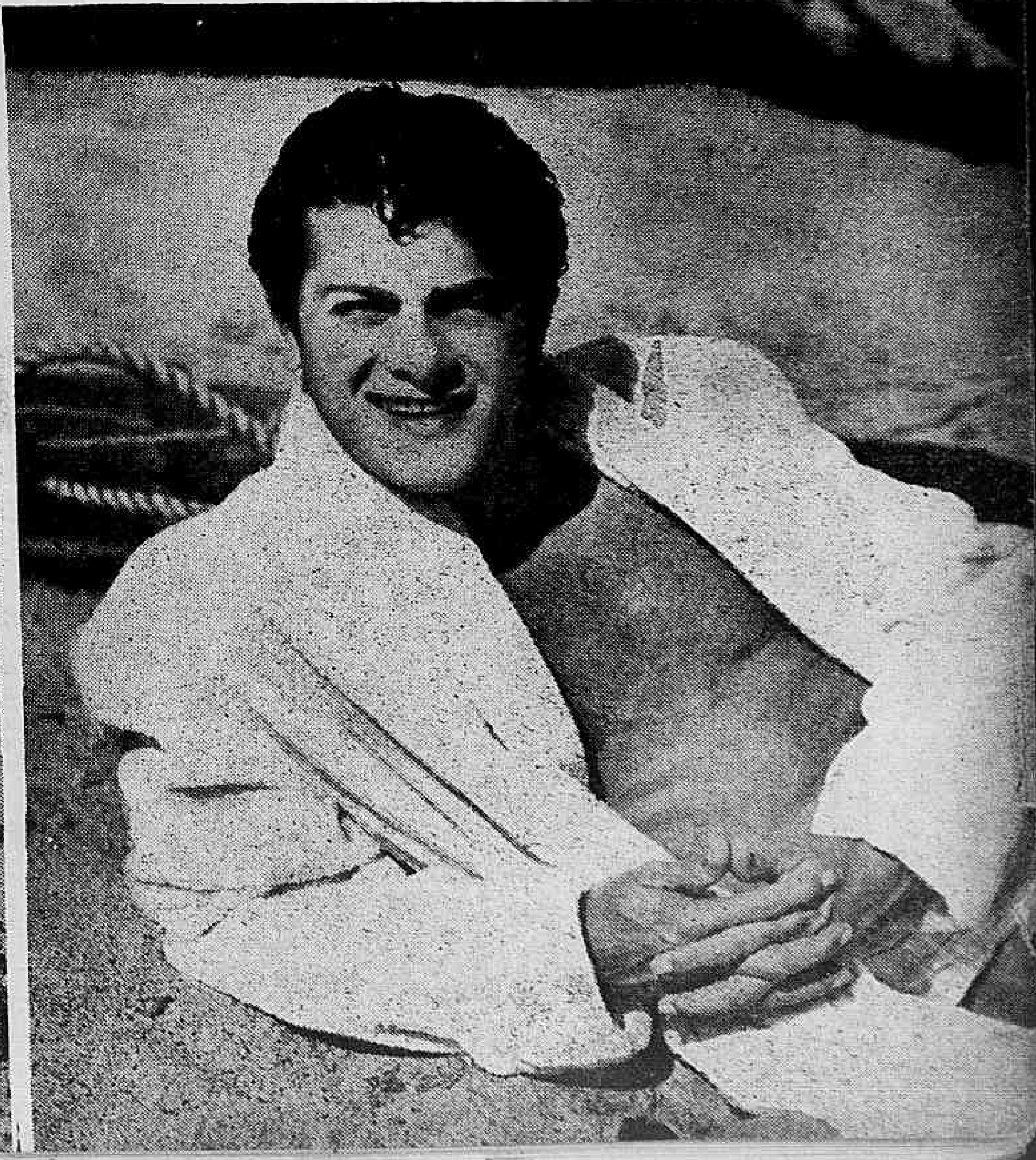
Por êste meio de estudos e esforços foi que Anthony Curtis chegou ao cinema. E, se ainda não chegou ao estrelato, pisou com firmeza os primeiros degraus. Estreou em um pequeno papel no filme «Baixeza» (Criss Cross), tendo um trabalho mais importante em «Almas Abandonadas» (City Across the River) e figurou destacadamente no elenco de «Traficantes da Morte» (Johnny Stool Pigeon) filme também da Universal-International onde êle teve um excelente papel no personagem de um surdo-mudo, instrumento de morte de uma poderosa quadrilha de contrabandistas.

Anthony Curtis tem 23 anos, 1,80 m. de altura, e uma fisionomia extraordinàriamente atrativa. E' moreno, simpático, olhos azuis, de

(Cont. na pág. 28)


AC-P16







Aqui é a terra da «gaita», informa a aeromoça a Eva Garza e Charro Gil que, em nosso país, ganharam milhares de cruzeiros por uma temporada inexpressiva.

OS CARTAZES INTERNACIONAIS DOMINARAM

"MEDALHÕES" E "MEDALHINHAS" ESTRANGEIROS ATRAPALHANDO A VIDA DO ARTISTA NACIONAL ★ A GUERRA ABRIU CAMINHO PARA OS ASTROS EUROPEUS QUE, COMO OS LATINO-AMERICANOS, TOMARAM CONTA DA PRAÇA. ★ ... E A SITUAÇÃO CONTINUA FAVORÁVEL AOS QUE VÊM DE FÓRA.

Reportagem de **Armando MIGUEIS**

A Cidade Maravilhosa possui treze estações de rádio.. Destas, cinco desfrutam o privilégio da totalidade dos ouvintes. Nestas, justamente, é que se abrigam os discutidíssimos cartazes internacionais. Artistas que, em sua terra de origem, jamais alcançam os astronômicos contratos que lhes oferecem as emissoras brasileiras. Coisas da terra do pau brasil, onde tudo nos une e nada nos separa... Daí, essa percentagem extraordinária de artistas estrangeiros que, durante os trezentos e sessenta e cinco dias, enchem a programação dos grandes prefixos a trôco de polpudos contratos.

No princípio, eram os latino-americanos. Pedro Vargas, hoje às vésperas de uma aposentadoria compulsória, iniciou. O intérprete de «Rancho Grande», ao que tudo indica, achou ótima a praça. Todos os anos, quando menos se esperava, ei-lo desembarcando no aeroporto para uma nova temporada no semfio guanabaraino. Seguiu-lhe o exemplo, o médico Ortiz Tirado, Quando Pedro Vargas afivelava as malas, o discípulo de Hipócrates desembarcava em terras de Santa Cruz, a fim de cantar os últimos sucessos do seu repertório... Mais tarde, veio dona Elvira Rios, cuja voz grave impressionava mais do que a própria bagagem musical... Ela rachava os «busto», como diz o Eurico Silva, deixando a turma boquiaberta pela voz máscula de que é dotada. Veio, também, o romântico Ramon Novarro, cuja «Ramona» foi considerada azarenta... O astro de Hollywood, diante do fracasso, arrumou as malas e não quis saber de nova «tournée» à cidade de São Sebastião. Nas suas águas, arrostando a indiferença dos rádio-ouvintes, chegou José Mojica. Bons cruzeiros foram gastos para a apresentação do bonito «estrêlo» de «Entre a cruz e a espada» no sem fio guanabarino. Mojica, graças à belíssima voz de que era possuidor, convenceu satisfatòriamente. Depois dêle, com a facilidade das propostas vantajosas, outros tantos vieram azucrinar nossos ouvidos.

A deflagração do conflito europeu provocou o interregno na vinda dos cartazes internacionais. Vivemos, dêsse modo, isolados dos «medalhões» e «medalhinhas» estrangeiros. Ao invés de cartazes internacionais ouviríamos, com maior prazer, Francisco Alves, Araci de Almeida, Sílvio Caldas, Dircinha Batista e tantos outros elementos de valor que, por estranho que pareça, não percebem a metade do que ganha um artista «made in extranja»... Assim, aguentamo-nos maravilhosamente até 1945, quando o término da guerra gerou maiores facilidades para o elemento de fora.

Os latino-americanos, dessa vez, cederam chance aos europeus. Portugal foi o primeiro a entrar no páreo, enviando-nos essa discutidíssima Amália Rodrigues. Intérprete do cancioneiro luso, seus recitais foram pagos a pêso de ouro, conhecida a popularidade de que desfruta além-mar. Amália Rodrigues fêz misérias. Mostrou-nos um fado diferente. Nada de choramingas, nem de incestos. O adeusinho de Amália Rodrigues marcou a chegada de Maria da Graça. Mais fados e corridos... Cruzeiros que se esvaem para terra estranha. Brasileiros que perdem a oportunidade do melhor contrato. Vinda de Ercília Costa, cognominada de «Santa do Fado». Mais uma chance rouba-

Los Huastecos «mamaram alto. A presença dêsse trio entre nós marcou o início da invasão de cartazes mexicanos. Intérpretes do cancioneiro hispano-americano, êles voltaram ao Brasil para buscar mais cruzeiros.



Maria Gabriela, sentada à esquerda, veio de além-mar. Bonita voz. Repertório dos melhores. Palminho de cara encantador. A tudo isso, some-se a quantia despendida pela Rádio Nacional para apresentá-la em sua linha de programas.



da aos nossos. E a enxurrada prossegue com a «tournée» de outros tantos «medalhões» da pátria lusa. Maria Gabriela, Alberto Ribeiro, Irmãs Meireles. Estas, por sinal, em nada superiores às «Três Marias». Mas, nem por isso deixaram de ganhar mais do que aquelas. Aliás, as Irmãs Meireles fizeram chácara em nosso «broadcasting», atuando em diferentes prefixos. Na Rádio Globo, apesar da publicidade feita, passaram despercebidas. E' que os ouvintes já estavam exaustos de ouvir os mesmos números...

Outro grande mercado, para onde convergiram milhares de cruzeiros, foi a França. Iniciada a temporada com Ana Marly, o «broadcasting» brasileiro continuou a importar tôda a sorte de cantores. Alguns, embora precedidos de estrondosa publicidade, não lograram despertar o interêsse dos senfilistas. Outros, como o irrequieto Charles Trenet, pela falta absoluta de disciplina, desagradaram logo de início. Aliás, as audições do criador de tantos êxitos do cancioneiro francês, dividiram-se por duas estações, uma vez que a Rádio Nacional, firme em sua organização, não consentiu nos excessos que o mesmo teimava em praticar.

George Ulmer, Lucienne Delyle, Dany Deuberson, Evelyne Dorat, é uma pequena relação dos muitos «astros» da música francesa que de 1945 para cá, têm vindo atrapalhar a situação da «prata de casa». Desfrutando de um privilégio que não se justifica e absorvendo completamente a atenção dos dirigentes de nossas emissoras, êles são os «maiores».

Também os latino-americanos, por sua vez, voltaram à carga. Tão logo os mares ficaram livres e extinguiu-se a prioridade nos «clippers», começamos a receber a visita interesseira dos intérpretes do cancioneiro hispano-americano. «Los Huastecos», trio constituído de dois «muchacos» e uma beldade, foram uns dos primeiros a tentar a praça radiofônica do Rio. Tiveram êxito relativo e salário compensador. Tanto assim, que não tardaram em empreender nova temporada no rádio nacional. Eva Garza e Charro Gill, conhecedores da boa paga, também fizeram o Brasil. Receberam bom cobre, mas não conseguiram lá grande sucesso. Gregorio Barrios, com seus milhares de discos vendidos, é outro que parece querer seguir a escola de Pedro Vargas. Vira e mexe, seu nome aparece estrelando a programação de um prefixo carioca. Fernando Albuerne, por sua vez, não deixou de vir receber em cruzeiros o que não ganharia em pesos... Topando idêntica situação, recebemos a visita de Gonzalo Amor. Sua presença entre nós, por sinal, foi conhecida pelos anúncios. Também Elvira Rios andou cantando ao microfone da Rádio Guanabara. Não fôsse o noticiário distribuído à imprensa, raríssimos seriam os que estivessem a par de sua estada na Capital da República. Idêntico fato aconteceu a Carlos Sonny. Contratado pela Rádio Clube do Brasil, passou como verdadeiro meteoro... Mesmo assim, não deixou de levar seu bocado.

Deixamos para o fim, apesar do seu invulgar cartaz, Xavier Cugat. A visita que nos fêz, como ninguém ignora, custou rios de dinheiro. Com tôda a fama de que desfruta nos Estados Unidos, seu ritmo não chegou a impressionar os brasileiros, salvo algumas exceções. Principalmente, quando possuímos orquestras da qualidade de uma Tabajaras, de uma Brasileira ou mesmo da de Rui Rei. As audições de Xavier Cugat, logo de início, caíram no lugar comum, sobrando cadeiras na casa de diversões em que êle se apresentava com seus músicos. Nada disso, porém, interessa a quem contrata cartazes internacionais. Êstes, mesmos, satisfeitos em suas aspirações financeiras, não levam em conta o fracasso de uma apresentação. E' que acima dos interêsses artísticos está a questão monetária. Enquanto isso, o artista brasileiro continua a lutar por uma situação mais vantajosa e a esperar que idêntica oportunidade lhe seja dada em terra estranha, uma vez que lhe sobram qualidades. Mas, o «broadcasting» verde e amarelo foi criado para valorizar os que vêem de fora. Quanto à «prata de casa», que continue com os contratinhos...



Xavier Cugat. Milhares de cruzeiros pagos por uma temporada. Ingressos distribuidos graciosamente, uma vez que o público enjoou ràpidamente com o ritmo dêsse «band-leader»



Carlos Sonny passou pelo rádio e não convenceu... Contam-se pelos dedos o número de ouvintes dêsse artista. Assim como surgiu, não tardou em desaparecer da constelação radiofônica da Cidade Maravilhosa.

A CENA muda

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endérêço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endérêço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 30,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Representante em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

★

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

ALGEMAS DE CRISTAL



"Você tem vergonha de sua irmã? Então por que não traz um rapaz delicado e inteligente para lhe apresentar?"

COMO OS SEUS PEQUENINOS ANIMAIS DE CRISTAL, LAURA, TAMBÉM, ERA EXQUISITAMENTE FRÁGIL PARA SER REMOVIDA DA PRATELEIRA.

ESTA história foi escrita ao assaltarem a minha memória recordações que eu supunha que o tempo, com a sua marcha inexorável, já se tinha encarregado de apagar. Enfim, Cicero já dizia que nunca nos conseguimos lembrar daquilo que desejamos, assim como também nunca logramos esquecer aquilo que, de todo coração, gostaríamos de haver relegado ao mar do esquecimento. Escrevi-a enquanto as águas do mar imenso batiam de encontro aos costados de um navio, e enquanto, a pouco e pouco, novos episódios iam surgindo em minha mente, as velhas máquinas do cargueiro, lá em baixo, pareciam fornecer o ritmo com o seu barulho ininterrupto e metódico como um velho professor de história, sempre preocupado com questões cronológicas... Usei um lápis, escrevendo num papel de cópia amarelo, fazendo-me pensar que, se esta história houvesse sido escrita na época quando realmente aconteceu, os papéis também já teriam adquirido aquela coloração amarelecida. No entanto, a história não foi tôda escrita a lápis. Parte do sangue de minha vida também desempenhou um papel importante neste trabalho, pois, eu estava bem cônscio de que, enquanto não terminasse, não seria capaz de escrever com que eu sonhava: a poesia, tornando um eterno enamorado da vida e seu discípulo obediente, e as histórias acumuladas em meu cérebro, amorfas, esperando que a minha imaginação se decidisse a lhes dar vida própria. Um trabalho de arte é como as asas de um bezouro. Geralmente, após o escritor terminar um livro e êste livro ser pôsto na rua, continua a ter uma vida própria. Bem, eu desejava continuar vivendo com os meus livros, com minhas histórias e enquanto estivessem incendiando outras mentes, inspirando novos sentimentos, mantendo em mim mesmo aquelas mesmas caracteristicas e não, ao correr dos anos, vê-las desprendidas de mim... Mas, essa não é a história nascida de minha imaginação, concebida no jardim secreto do meu espírito, onde eu dê expansão aos meus complexos. Esta história é a própria vida, a história de três sêres humanos: De Amanda Wingfield, minha mãe, de Laura Wingfield, minha irmã, e de Tom Wingfield, eu mesmo.

Não gosto de ficar de plantão, à noite, em qualquer hora. Porém, o plantão que mais odeio é aquêle denominado de Vigia da Madrugada, estendendo-se desde as quatro da manhã até o nascer do sol. E é nessas horas que um homem joga "solitária" com velhas cartas de um baralho de recordações no coração... Êle se recorda de um lugar e de certas pessoas que ali viviam...

Recordo-me tão bem do incandescente sol da manhã, enquanto os seus raios pareciam abrir caminho através das ruas e becos de St. Louis, onde as paredes cheias de pó e tijolos da côr de tomate, furiosa e deseperadamente, escondiam a vida em quartos miseráveis. Recordo-me do beco onde a vida começava relutantemente de manhã cedinho e dos fundos do velho casarão com uma cêrca de ferro e de alguns decrépitos degraus que todos já se tinham acostumado a chamar de "escada de incêndio". Recordo-me de umas brancas cortinas de renda, que o sol costumava violar, atravessando vagarosamente... relutantemente. Sempre indaguei se devíamos alegrar-nos pelo sol da manhã iluminar a nossa sala ou nos envergonhar por pôr um pouquinho de brilho e alegria em tanta miséria. Mamãe já havia dependurado as cortinas na janela como para esconder a horrível realidade de um mundo, de uma cidade e de um bairro onde habitávamos.

Agora, que estou longe dela, compreendo-a melhor do que quando viviamos juntos e ela transformava a minha vida num verdadeiro tormento. Era u'a mulher de grande vitalidade, embora confusa, vivendo em outro tempo e em outro local. Certamente, tinha resistência e, de certo modo, uma espécie de heroismo. Embora as suas bobagens a tornassem verdadeiramente cruel algumas vêzes, contra a sua própria vontade, eram também maternalmente tenra.

Compreendo isso, em virtude da separação. Não sòmente isso, mas também havia muita coisa nela para ser admirada, assim como também apiedada e amada havia motivos para que eu me ressentisse e outros sorrissem. No entanto, naquela época, éramos muitos juntos. Então, sòmente sabia que, às vêzes, a odiava com todo o ódio contido em meu coração.

Odiava a sua voz, geralmente suave e pontilhada por um exagerado sotaque sulista, às vêzes tensa, quando via os sonhos acalentados para Laura e para mim derreterem-se impiedosamente em seu coração. Mas, pela manhã, a minha aversão atingia o climax, quando a sua voz ecoava através dos poucos e miseráveis quartos, exatamente ao contrário do chamado alegre que ela pensava.

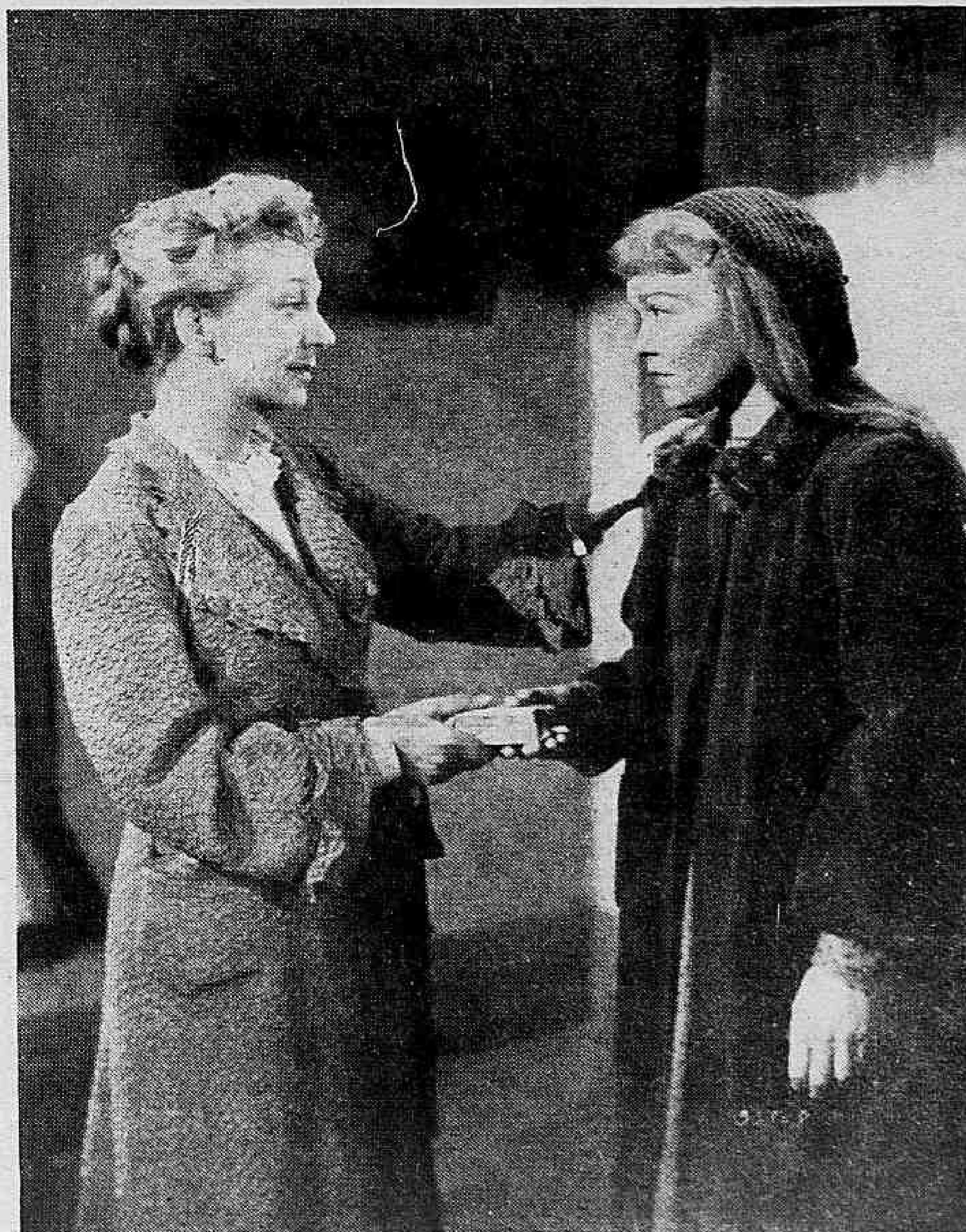
— Levante-se e brilhe! — costumava chamar, dominando com a sua voz o barulho natural de pratos, enquanto preparava o "breakfast". — Levante-se e brilhe!

Assim começavam os nossos velhos dias e nem uma só vez o meu estômago deixou de ser revirado por essas palavras. E, àquela manhã, tínhamos discutido amargamente. Sentia as unhas perfurarem as minhas mãos enquanto apertava os punhos desesperadamente. "Levantar-me-ei mas não brilharei" — murmurei.

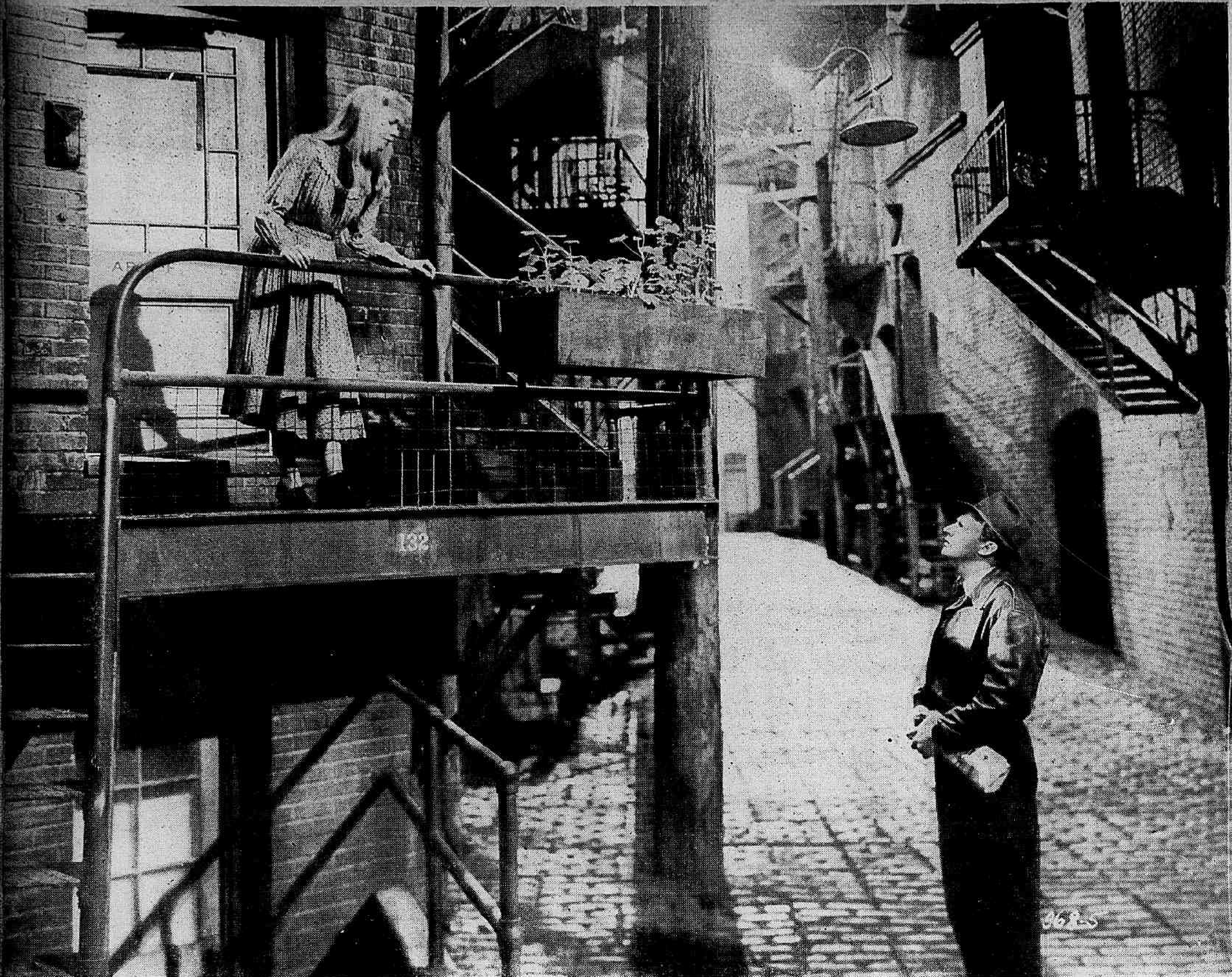
A porta se abriu então e Laura entrou, com o seu chapéu e casaco, transformando o meu ressentimento em compaixão ao vê-la capengar vagarosamente, como geralmente acontecia. Devido à doença de que fôra acometida, ela mergulhara num mundo criado pela sua imaginação, um mundo do qual excluira tôdas as coisas exceto a



«No seu sonho para garantir o futuro de Laura, mamãe a matriculou num curso comercial que era um verdadeiro pesadelo para a minha exquisita irmã».



De manhã cedo, mamãe veio a procura de Laura, mandando-a à confeitaria. Com suas usadas paráfrases, lograva convencer Laura do que quer que entendesse.



Pensei mais de cem vêzes em deixar o meu emprêgo e fugir, exatamente como o meu pai o fizera há muitos anos atrás. Não o fazia por Laura.

música e a sua coleção de cristais. Os anos tinham passado e Laura não mais tinha de usar o aparelho ortopédico que lhe atormentara a infância, mas ela nunca se atrevera a transpor os limites de seu país secreto.

Olhei, através da porta aberta de meu quarto, para a coleção de pequeninos animais de cristal dispostos sôbre uma pequenina mesa na sala. Laura os adorava a todos, especialmente a um unicórnio, com o seu corpo de cavalo e com um chifre protuberante na cabeça. Era um animal que nunca existira e, por isso, melhor se adaptava àquele lugar imaginário onde ela vivia. E, enquanto eu apreciava as pequenas peças de cristal, veio-me à mente o sucesso que Laura obtivera ao separar-se da vida tão efetivamente, a ponto de se ter tornado apenas mais uma daquelas peças, esquisitamente frágil de mais para ser removida da prateleira.

— Tom, são quase sete horas — implorou ela. — Não torne a mamãe nervosa. E, por favor, Tom, peça-lhe desculpas. Ela ficou tão raivosa à noite passada quando você bateu a porta em seu rosto.

Eu deveria saber antecipadamente o plano de mamãe. Poderia convencer Laura do que quer que entendesse de fazer e, geralmente, eu não tinha coragem de lutar contra contra as suas decepções. Mas, essa manhã, os meus nervos ainda estavam muito tensos e não me pude conter.

— Foi ela quem bateu com a porta... — disse eu.

— Tom... — os olhos de Laura se fixaram em mim, à medida que eu me sentava e estendia o braço para apanhar um cigarro. — Diga-lhe que lamenta, de qualquer maneira. Então, ela começará a falar.

Sorri amargamente.

— Mamãe deixar de falar... será isso uma coisa tão trágica? — perguntei. Mas, notando que Laura me olhava com aquêle seu olhar confuso, inclinei-me um pouco e segurei a sua mão. — Está bem, pedirei desculpas... pedirei desculpas por viver...

Então, repentinamente, mamãe assomou à porta e, enquanto eu me agachava servilmente na cama, chegou aos meus ouvidos o tom nasal de sua voz.

— Laura, não lhe pedi para ir à confeitaria? — e como Laura concordasse, enquanto mamãe botava para trás o seu cabelo permanentemente despenteado, perguntou: — Bem, acaso tenho de me vestir e eu mesma ir?

— Já vou, mamãe — retrucou Laura com uma voz que não era mais do que um sussurro. Enquanto capengava em direção à porta, abriu a mão, parte em desespêro e parte em apêlo. — Oh. mamãe, sou eu quem tem de comprar fiado? Mr. Schultz faz cada careta quando lhe peço...

— Bem... — havia um terrível fulgor nas palavras de mamãe e eu sabia que uma de suas usadas paráfrases estava a caminho, antes mesmo de ela abrir a bôca para falar. — Bengalas e pedras podem quebrar o meu corpo, mas a expressão no rosto de Mr. Schultz não me vai fazer nenhum mal e, querida, procure parecer uma *lady* nas ruas. Não vamos agora imitar aos nossos comuns vizinhos. Ser comum *também é contagioso*... a não ser que se possua uma grande resistência.

Laura enrubesceu desajeitadamente.

— Não vou encontrar com ninguém...

— Assuma aquela atitude e nunca encontrará. Vá andando! — e, sem ao menos olhar para mim, voltou para a cozinha.

Aterrorizei-me ante a desculpa prometida a Laura, e ainda mais pela cena a se seguir depois da reconciliação, inevitàvelmente.

Aconteceu exatamente como eu esperava, pois, quando me vesti e me encaminhei para a cozinha e me desculpei, mamãe olhou-me re-

provadoramente e desandou a derramar lágrimas pueris.

— Tive de manter uma luta solitária todos êsses anos, mas você era a minha âncora, pouco importando a maneira estranha como age. Compreenda-me, não o estou criticando! Mas... Tom... a vida não é fácil. Há tantas coisas em meu coração impossíveis de ser descritas a você! — olhou para a sala, ignorando-me completamente, enquanto os seus olhos se achavam pregados na fotografia de um soldado com o uniforme da Primeira Guerra Mundial, e prosseguiu com a voz ligeiramente trêmula: — Eu... eu amava o seu pai.

Voltei os olhos para o pai, meu conhecido apenas através de fotografias, um homem usando casquete cômicamente colocado à cabeça, um homem cujos olhos exprimiam o seu amor pelos prazeres e um sorriso eterno. Tinha-nos deixado há muitos anos atrás. Fugiu e a última coisa que nos chegara às mãos, fôra um cartão postal de uma cidade estrangeira. Olhei para êle e no fundo de meu coração o invejei, pois nunca o culpei, embora estivesse certo do amor a êle dispensado por mamãe, da mesma maneira como amava a Laura e a mim.

— E você! — ela mordia os seus trêmulos lábios. — Quando o vejo seguir as suas pegadas! Laura falou-me de sua aversão por essa casa e as suas saídas noturnas tem como único motivo o seu desejo de manter-se afastado dela. Isso é verdade, Tom?

— Escute aqui, mamãe, — disse eu, tão pacientemente quanto podia. — você fala de coisas em seu coração impossíveis de descrever-me. O mesmo acontece comigo. Portanto, respeitemo-nos mùtuamente...

— Não desejo falar a seu respeito, mas sôbre Laura — afirmou mamãe determinadamente. — Temos de fazer planos e provisões para ela.

— Você já fêz provisões — murmurei, lembrando-me de como me convencera a lhe dar o dinheiro que eu conseguira economizar e usara para o pagamento de um curso comercial para Laura. Tenho certeza absoluta que não teria lamentado um só dólar daquele dinheiro se, em verdade, aquilo a viesse ajudar, mas sabia ser impossível qualquer tentativa para enquadrar Laura na vida crua e polvilhada de maldades. Supunha que tôda a gente, inclusive a mamãe, soubesse quão lhe era difícil freqüentar a escola, pois, mesmo quando criança, tinha enraizada ojerisa pelos outros covirtude de ter de juntar-se e mislegas de sua mesma idade, em turar-se com êles. Senti um nó em meu estômago ao recordar-me da expressão em seu rosto, insuflado por um temor espalhado em todo o seu corpo quando, pela manhã, tinha de ir para a escola. — Aquêle curso comercial... é um

— Já tentei tudo o mais — soluçou. — Levei-a para a igreja e a botei na Liga dos Jovens. Resultado: um fiasco. Não falou com ninguém. Ninguém falou com ela. Tudo o que faz agora é brincar com êsses animais de vidro, tocar aquêles discos velhos e escutar a música vinda daquele pavilhão de danças do outro lado do beco. E pensar que ela é minha filha e, além do mais, uma Wingfield! Isto é uma coisa que deve ser sempre lembrada por você: os Wingfield foram os primeiros brancos a se localizarem no solo de Mississipi.

— E se enterrarem na lama até as canelas — resmunguei, acrescentando ràpidamente. — Mamãe,

Título original:

The Glass Menagerie

ELENCO:

Laura	JANE WYMAN
Jim	KIRK DOUGLAS
Tom	ARTHUR KENNELY
Mãe	GERTRUDE LAWRENCE

Um filme da Warner Brothers. — Produção de K. Fieldman Group Production — Produzido por Jerry Wald e Charles K. Fieldman; Direção de Irving Rapper; Adaptado para a tela por Tennessee Williams e Peter Berneis; Baseado numa peça teatral de Tennessee Williams.

tal estrago de dinheiro... — resmunguei.

— Bobagem. Ainda ontem li no jornal a notícia do casamento de uma secretária com um importante industrial de aço.

A conversa já se ia elevando acima de minha longanimidade. Os sonhos impossíveis de mamãe, a sua completa ausência de qualquer senso de praticabilidade e a sua recusa em afrontar a realidade. — Isto é história de revista romântica barata.

Mamãe começou a jogar com o seu último recurso... lágrimas. Se ao menos ela pudesse ver-se a si mesma, suja e desarrumada, com o seu velho roupão e cabelo despenteado!

tenho de ir para o depósito por que estou atrasado.

— E, enquanto estiver lá, tente encontrar um rapaz decente e alegre que não beba — veio decididamente atrás, quando acabei de vestir-me e já me encaminhava para a porta. — Tem vergonha de trazer alguém aqui? Tem vergonha de sua irmã? Tem vergonha de mim? Ou é a casa? Vamos, Tom, não há rapazes decentes no depósito? Encontre um jovem inteligente e educado e apresente à sua irmã para que se tornem amigos. Se há algum motivo de vergonha eu gostaria de saber.

Podia não haver motivo de vergonha nisso, mas tudo estava errado, quis gritar. Pensei nas três vidas separadas vividas por nós durante o dia. A minha, no depósito de sapatos, odiando-o, e com o pensamento fixo no momento quando fugiria de tudo, assim como o meu pai havia feito. A minha irmã, freqüentando aquela escola, com a sua timidez e senso de inferioridade, tornando quase intoleráveis todos os minutos passados lá, como se podia fàcilmente observar olhando para a sua face tensa quando, de volta, subia os degraus, capengando vagarosamente. E a mamãe, sentada junto ao telefone, chamando as pessoas conhecidas e também as desconhecidas. Conversando com aquela sua voz desesperadamente alegre, como se a venda de assinaturas de uma revista fôsse um jôgo que ela imaginara para se divertir. Então, quando não mais havia nomes no catálogo telefônico, vestia-se e, caminhando quilômetros por outros bairros desconhecidos, tocava nas campainhas de casas de desconhecidos, agindo como se estivesse fazendo uma visita social ao invés de tentar fazer com que aquelas pessoas comprassem uma coisa que, em verdade, não queriam, pois não viam a necessidade de tal compra. Laura e eu sabíamos que odiávamos as nossas vidas. Talvez houvesse sido melhor que mamãe também reconhecesse o seu ódio pela vida. Sòmente assim, talvez nos tivesse livrado do desapontamento de corroer o seu coração.

As nossas três vidas juntas estavam muito próximas de uma situação que poderia ser denominada de insuportável. Havia sempre uma razão forçando-me a retirar-me, imprimindo em mim o sentimento de que a minha sanidade dependia das horas passadas fora daquela mísera casa, de meu lar...

As noites nos saudavam de maneira análoga como mamãe iniciava os nossos dias. Sempre ordenava um "alto!" ao garfo à caminho da bôca, a fim de dar uma lição de etiquêta e mostrar como se devia mastigar elegantemente. Etiquêta foi feita para quem almoça antes de ir para um banquete, não para quem vem do trabalho com fome. Apenas ela não compreendia êsse importante fator

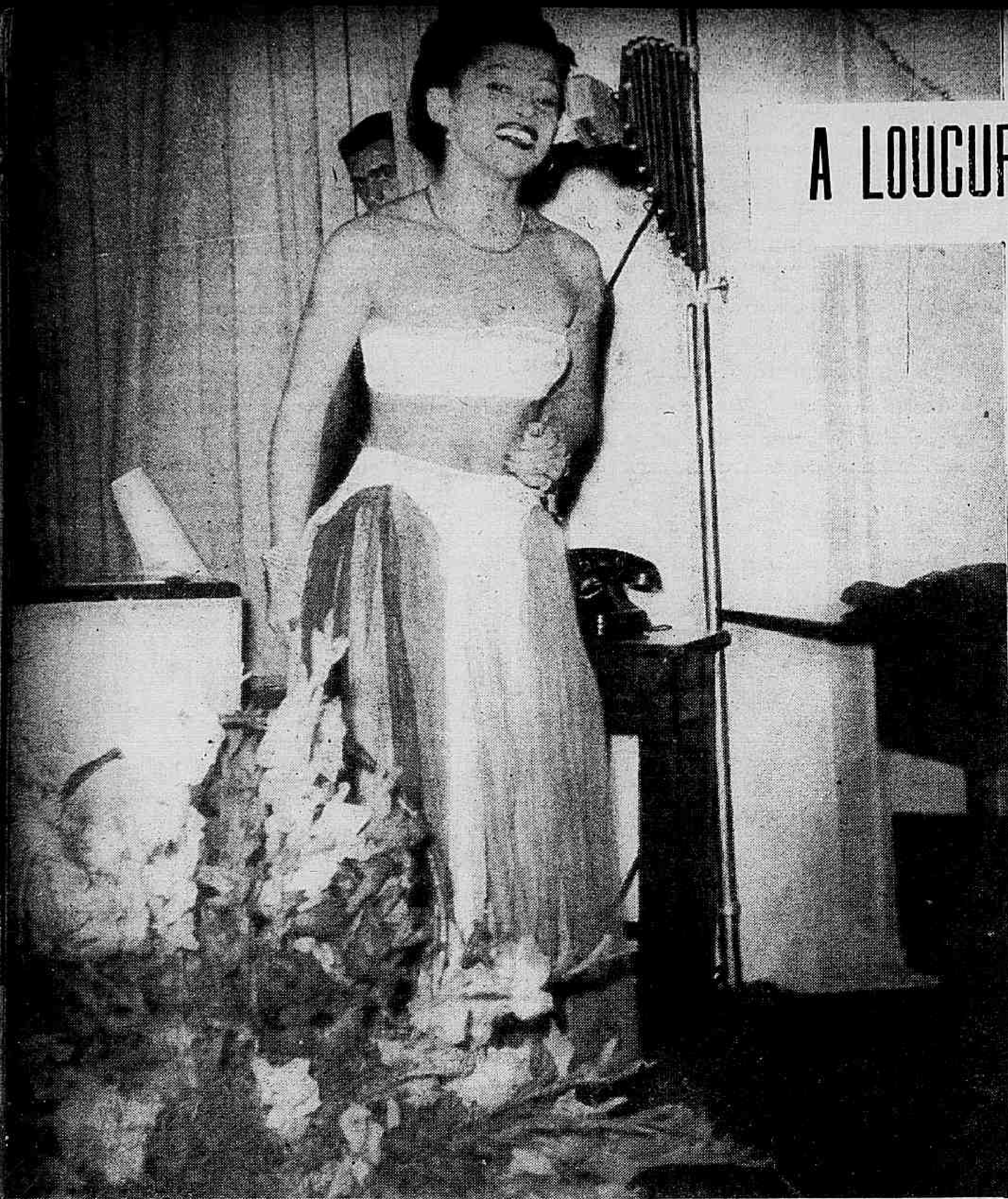
(Cont. na pág. 28)







Ela trouxe o velho livro anual do colégio e o mostrou a Jim. O seu «Príncipe Encantado» não a pediu em casamento, mas conseguiu trazê-la de volta à Terra. Ao centro: — Êle fôra o seu herói durante os tempos de ginásio. Jim cantou tôdas as músicas da produção teatral da escola. Depois a levou para dançar no Pavilhão de Danças Paraíso, do outro lado do bêco. À direita: — «Você deve sempre ter em mente que é uma pequena bastante atraente e não deve ser tão tímida». — Jim operou um milagre em Laura, que ninguém julgaria possível. Fugi de casa para cumprir o meu destino



A cantora Elba Lima, uma das atrações de «Fim de Semana»

A LOUCURA DOS PROGRAMAS DE AUDITÓRIO

MAIS UMA INOVAÇÃO INFLACIONÁRIA ★ NÃO PAGUE ALUGUEL, MORE DE GRAÇA ★ SERÁ UMA NOVA REVOLUÇÃO SOCIAL? ★ E A LEI DO INQUILINATO TERÁ ENQUADRADO ÊSTE CASO ★ DEPOIS DO ALUGUÉL SÓ FALTA OFERECER A CASA!

Reportagem de MAX GOLD

Fotos de TIBOR ORKENYL

APESAR de que muita gente não acredite, os programas de auditório, ainda e cada vez mais, são a loucura dos habitantes desta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Naturalmente, os leitores compreenderam que nos referimos aos cariocas de nível modesto, que são os freqüentadores dos programas de auditório.

E a razão é muito simples, pois os programas de auditório, sob um preço de entrada acessível, oferecem bom divertimento e ainda dão inúmeros prêmios bem valiosos. Bicicletas, rádios, refrigeradores, máquinas de costura, são prêmios co-



O público é quem está com a razão, e se êle prefere os programas de auditório, para que discutir?...



Carlos Galhardo é sempre uma audição num programa de auditório...

muns em qualquer programa de auditório.

O público carioca, dia a dia, torna-se mais exigente em sua escolha do programa de auditório de sua preferência. (Querem bons números musicais, exigem a presença de cartazes da música popular, querem bom divertimento, humoristas de classe e prêmios cada vez mehores e mais valiosos.

Com a proliferação dos programas de auditório foi criada mesmo uma nova profissão: a do freqüentador de programas de auditório exclusivamente para ganhar prêmios. Êstes tornaram um divertimento em uma profissão. Tem um caderno com os horários dos programas anotados e dividem o seu dia entre um e outro auditório da cidade.

Um dos programas de auditório que mais tem atraído a atenção do público é o programa de Aerton Perlingeiro — "Fim de Semana". Êste programa, irradiado aos sábados no mesmo horário do programa César de Alencar, tem mantido o auditório do Rádio Clube repleto tôdas as semanas.

Aerton esforça-se por agradar ao seu público, introduzindo a todo instante novas atrações em seu programa.

Assim consegue apresentar em seu auditório os maiores cartazes da música popular, mesmo aquêles que não fazem parte do "cast" da veterana estação.

Entre os cartazes da Rádio Clube que participam de "Fim de Semana", estão os "Vocalistas Tropicais", vencedores de vários carnavais e que êste ano apresentaram para o Carnaval a marcha de Paquito e Romeu Gentil "Tomara que chova". Ainda outro dia, quando fomos assistir ao "Fim de Semana", deparamos com um espetáculo curioso. Todo o imenso auditório com guarda-chuvas abertos, cantava a plenos pulmões, acompanhando o conjunto, "Tomara que chova, três dias sem parar...". Coisas do Aerton Perlingeiro. Fôra êle quem tivera a idéia e a coisa vingou. Mas, Aerton nunca está contente, sempre anda à procura de uma inovação. E, agora, anunciou a mais recente: — "More de graça, não pague aluguel". Sim senhor, é isto mesmo; não se trata de nenhuma revolução social, mas de uma nova diversão de "Fim de Semana".

Tôda a pessoa que entra no auditório recebe um talão numerado. Em meio do programa é feito um sorteio. A pessoa, cujo talão seja sorteado, recebe a importância correspondente a um mês de aluguel de sua residência.

Já viram que coisa? Não parece mesmo idéia de louco?

Que ninguém se admire se pròximamente Aerton Perlingeiro resolver dar uma casa ou mesmo um estádio de futebol como prêmio de seu programa de auditório.



Esta ouvinte acertou em um concurso. Meu Deus, quanta «gaita»...



Os Vocalistas Tropicais tentando provocar uma enchente, cantando «Tomara que chova»...

COLUNA DO FÃ

O Cinema e a Televisão

Invenções as mais notáveis e diversas surgiram com o decorrer da última década, causando grande admiração aos povos do mundo civilizado, ante o arrojo da técnica moderna. Com a última guerra mundial, as ambições humanas se fizeram notar em tôdas as partes do universo, e os écos dos canhões e das armas pesadas provaram que desgraçadamente os homens cairam talvez para sempre no abismo da incompreensão! — Na ocasião em que a Europa se cobriu de sangue, nasceu o domínio atômico, e nos defrontamos com a éra da mais terrível de tôdas as armas: a bomba atômica. A inteligência do homem chegou a tal ponto que não mais respeita um certo e determinado limite de explanação. Em verdade desde a criação do mundo em que vivemos, a espécie humana vem lutando titânicamente para se comparar com a natureza prodigiosa. E até certo ponto o homem tem conseguido levar a melhor contra os elementos, já nos dias atuais até chuva artificial se consegue fazer! — A humanidade destimidamente se infiltra em terrenos até então desconhecidos, e como a ambição é cega, caminhamos, sem perceber que está próxima a completa exterminação da espécie. Mas, deixemos os problemas das guerras e de suas conseqüências e vamos falar sôbre o aparecimento de tão discutida televisão. Na França, nos Estados Unidos e outros países a T.V. já obteve um êxito incontestável. Quando se cogitava sôbre as primeiras experiências a respeito dos espetáculos televisionados, o público brasileiro em sua maioria, acompanhava com acentuado pessimismo através das colunas dos vespertinos, os resultados das experiências que estavam sendo feitas na América do Norte e em alguns países da Europa. O sucesso não se fez esperar. A notícia de que a televisão tornara-se uma realidade, fez com que os descrentes se curvassem respeitosamente ante a realidade dos fatos. O nosso povo desde então começou a dar mais atenção as notícias que chegavam de tôdas as partes. Não levou muito tempo para que os radialistas patrícios decidissem lançar a T.V. nos nossos meios radiofônicos. As emissôras associadas, sem grande estardalhaço, introduziram a televisão entre a nossa gente. Muitos perguntam freqüentemente: «A televisão matará o cinema, do mesmo modo que êste último matou o teatro? Ora, o cinema jàmais poderá sucumbir com o advento da televisão. A cinematografia é uma arte que já está firmada no conceito dos seus adeptos que são em grande número. Dizer-se que podemos assistir ótimos espetáculos sem sairmos de casa, bastando para isso que liguemos os nossos receptores, está certo, mas afirmar como muitos têm afirmado, que os espetáculos televisionados darão término ao cinema é o maior de todos os absurdos que já vimos dizer. O cinema possui espetáculos grandiosos, notáveis obras primas, possuindo ainda uma técnica maravilhosa, além de possuir um campo de ação muitíssimo maior que a T.V.. Não se precisa dizer muita coisa a êste respeito, porque os fatos por si só se comprovam. E depois a cinematografia para a massa popular é a diversão mais «barata», e até que os aparêlhos de televisão venham a custar um prêço razoável, o cinema que também é mais ADULTO, já deve ter dado um grande salto. Ou melhor explicando, teremos o **«Cinema da Terceira Dimensão»**. E não vai demorar muito para que isto aconteça. Aí sim, haverá um forte «choque» entre duas grandes invenções, e por uma lei natural o mais forte se apossará do mais fraco...

BRAGA FONSECA (Caxambú)

VII

ADOLFO CRUZ

Nome real: ADOLFO FERREIRA DA CRUZ.

Assina apenas: Adolfo Cruz.

Nasceu no Rio de Janeiro, Distrito Federal, a 7 de setembro de 1922.

Família de origem pequeno-burguesa (o pai era negociante).

Estudou na Escola Gonçalves Dias e depois no Liceu Literário Português.

Dos 12 aos 19 anos de idade foi empregado da Light: começou como "office boy" e saíu como escriturário.

Também foi, por dois anos, escriturário no Ministério da Aeronáutica.

E' casado há oito anos, e tem filhos.

Iniciou sua atividade jornalística sob a proteção de Terra de Sena, pai do famoso humorista Max Nunes.

Escreveu na Revista Light.

Sempre gostou de cinema.

Iniciou-se na crítica especializada em 1945 criando, na Rádio Guanabara, onde era locutor comercial, o programa "Cinelândia Matinal", que começou sendo irradiado 15 minutos por semana... Demitiu-se da PRC-8 transferindo-se para a Rádio Mayrink Veiga em virtude de um desentendimento surgido entre êle e a emissora com a chegada, ao Rio, de Tyrone Power e Cesar Romero, em 1946. Foi colaborador de Manuel Jorge até 1 de abril de 1949: dessa data em diante, passou a comandar o programa.

Há três anos assina a coluna cinematográfica de "A Notícia", vespertino carioca.

E' também o responsável pela seção de cinema da Revista "Alô".

E' ainda repórter policial no vespertino onde escreve.

Usa em "Cine-Reportagens PRA-9" o "slogan": "Um programa que não é para os doutores em cinema..."

Combate, sempre que pode, os trustes cinematográficos.

E' francamente da luta contra os chamados poderosos.

Tem a mania das entrevistas e da reportagens em "furo", estando sempre pronto a tomar qualquer iniciativa, mesmo que arriscada, no setor...

Religião: Protestante.

Sua leitura predileta: a "Bíblia Sagrada".

Gosta de tôdas as artes e de tôdas as diversões, com modéstia.

Aprecia mais, em geral, filmes europeus: acha os filmes de Hollywood profundamente cretinos.

Galanteador de primeira mão, principalmente de "estrêlas" de cinema e teatro.

O filme que lhe deixou mais grata recordação e que destaca como um dos melhores de todos os tempos: "Monsieur Vincent, capelão das galeras".

Não tem preconceito de raça e é ostensivamente contra todos aquêles que adotam "tão infeliz e desgraçada idéia".

Tem opinião política formada, mas respeita a dos outros.

Já entrevistou ao microfone: Bob Hope, Lana Turner (com absoluta exclusividade, como "furo" de reportagem em tôda a América do Sul), Cesar Romero, Tyrone Power, Eleanor Parker, Beatriz Costa, Antônio Vilar, Gianna Maria Canale, Esther Fernandez (pelo telefone, irradiando diretamente do seu apartamento no hotel) e a maioria dos artistas brasileiros do palco e da tela.

E' positivamente contra a bomba atômica, que considera um engenho desumano a ser abolido!

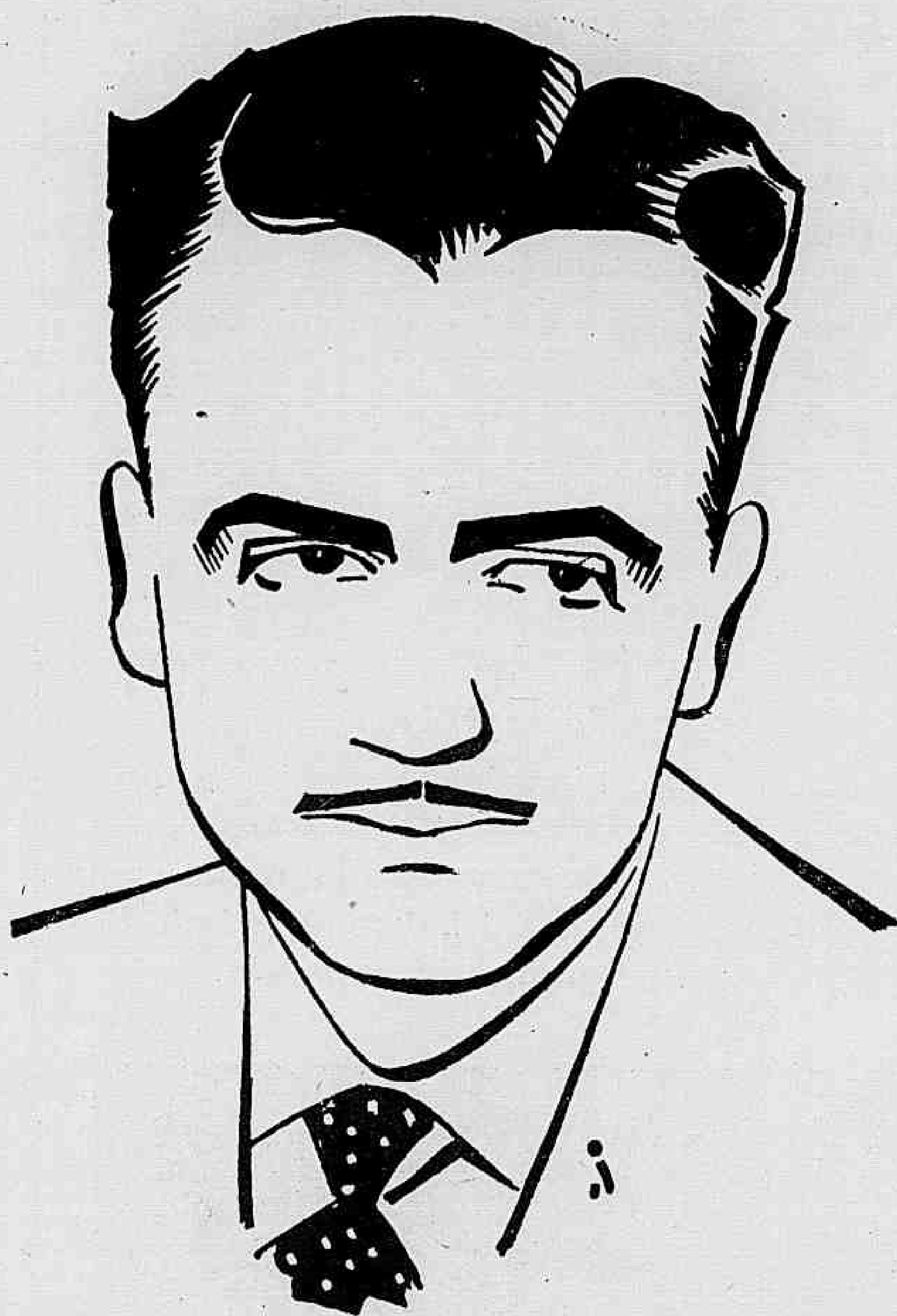
Reside em São Cristóvão.

Bebe, mas quase não fuma.

Não pratica esportes, por falta de tempo.

Raramente vai à praia.

Lê pouco: escreve bastante.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

ANTOLOGIA:

"Obsessão"

"Clara Calamai interpreta com seu talento consagrado a figura central, sendo secundada de maneira bem razoável por Massimo Girotti. Da moderna cinematografia italiana, "Obsessão vem a ser um trabalho de apreciável valor, embora não seja um espetáculo para qualquer um... Via de regra, os fãs, na sua maioria mal habituados com certas fitinhas de Tio Sam onde tudo se apresenta côr de rosa, consideram enfadonhos os celulóides, desde que a realidada faça ruír os frágeis alicerces de tola fantasia. Para êstes, talvez, "Obsessão" não satisfaça inteiramente..."

("A Notícia" — 8-11-1950)

"A Bela e a Fera"

"História fértil em imaginação, bem engendrada, òtimamente dirigida pelo poeta da sétima arte — Jean Cocteau — leva o espectador ao mundo estranho e fantástico das coisas impossíveis.

Tècnicamente foi realizado com segurança.

A par de uma fotografia com bons efeitos de Henri Alekan, sente-se a música formidável, sugestiva e ao mesmo tempo impressinante de George Auric, o mesmo de "Na solidão da Noite".

O desempenho de Jean Marais, vivendo a Fera, e Josette Day, interpretando a Bela, embora não seja de qualidade especial, satisfaz, convence e arrebata o fã de cinema que, na poltrona estufada, longe da vida real, envereda pelo caminho da fantasia".

("A Notícia" — 27-4-1949)

"Os Visitantes da Noite"

"...êsse novo trabalho de Marcel Carné tem boa plástica cinematográfica, fértil imaginação, arte na verdadeira acepção da palavra, mas não é espetáculo para o público em geral."

....

"Como nos filmes de Carné seu ritmo um pouco lento requer do fã, antes de tudo, a vontade de acompanhar as seqüências, esmiuçando-as, já que cada uma delas é um quadro de arte".

("A Notícia" — 16-11-1949)

O CAVALEIRO DE SHERWOOD

O SIMPÁTICO FILHO DE ROBIN HOOD LEVANTA A SUA ESPADA A FIM DE CONSEGUIR JUSTIÇA PARA MUITOS E UMA ENCANTADORA ESPÔSA PARA SI MESMO

Rogues of Sherwood Forest

ELENCO:

Robin, Conde de Huntington	**John Derek**
Lady Marianne	**Diana Lynn**
Rei João	**George MacReady**
Pequeno João	**Alan Hale**
Si Giles	**Paul Cavanagh**
Conde de Flanders.	**Lowell Gilmore**
Frei Tuck	**Billy House**
Alan-a-Dale	**Lester Mathews**
Wil Scarlett	**William Bevan**
Barão Fitzwalter ..	**Wilton Graff**
Styrbispo Stephen Langton	**Donald Randolph**

Um filme da Columbia — Produção de Fred M. Packard — Direção de Gordon Douglas — Cenário de George Bruce

O alto e simpático jovem puxou a corda do pesado arco e esperou. O gavião circulou as árvores e iniciou a sua descida para uma clareira. Num instante, porém, foi alcançado pela flecha do jovem e, com as asas abertas, caiu. Um homem encanecido e impressionante pela sua altura e rubor da face, se levantou.

— Menino Robin, — disse — aquela flecha atravessou o coração do tirano. Estamos prontos para o mundo novamente.

— Não compararia o gavião guerreiro ao ignóbil Rei João — respondeu àsperamente o jovem.

— Ambos fazem as suas prêsas de pessoas melhores — acentuou John. — O seu pai, o grandioso Robin Hood, ensinou boas maneiras a um rei. O seu filho não lhe fica atrás.

— Somos apenas dois contra o poder da Inglaterra — lembrou-lhe o jovem Robin. — E o meu ombro ainda dói da ponta de aço da lança de Sir Baldric.

— Um truque sujo, pôr uma ponta de aço em sua lança e cobrir a tua com gêsso! O Rei João tanto é cheio de truques sujos como é tímido.

— Nem tampouco confio naqueles que o cercam — continuou o jovem. — Nem mesmo um.

— A bela Marianne deve sentar-se com o rei, o seu guardião. E' a mais nobre de tôdas as damas do reino.

— Ela se sentou junto aos componentes do tribunal que planejaram a minha morte. Devemos julgar aos outros pelas suas companhias — novamente falou o jovem Robin àsperamente.

— Quando o conde de Huntington se vê na contingência de se esconder numa caverna na Floresta Sherwood, temeroso de sua vida, perdido de seus amigos e de seu povo, também deve ser cuidadoso na escolha de seus amigos.

— Teu pai tinha amigos.

— Sim, João Pequeno, e tu eras o melhor dêles. Mas, êle também tinha um rei em Ricardo Coração de Leão, quando nós temos um usurpador sob a égide de mercenários estrangeiros.

O idoso homem pôs a mão no ombro do rapaz, olhou para a face pensativa e amuada, os olhos grandes e penetrantes, o cabelo escuro e despenteado, e balançou a sua cabeça encanecida.

— Ali está o Frade Tuck, comendo tôda a comida que por direito toca aos monges da Abadia de Dunstan. Ali está Alan-a-Dale, cantando o seu amor por alguma rapariga que encontrou uma vez em alguma taverna; ali está Will Scarlett, roubando os viveres de meu senhor e zombando dos magistrados; todos bons homens que adoravam teu pai e que te seguirão pela Inglaterra.

— Cinco homens contra as tropas do Rei?

— O teu pai agiu assim.

Como as nuvens do céu no verão, o jovem Robin Hood descarregou o seu sobrecenho, enquanto um sorriso iluminava a sua face.

—Sou seu filho — exclamou. — Partimos amanhã de madrugada.

E, antes que a primavera se houvesse metamorfoseado em verão, tôda a Inglaterra teve conhecimento de que uma brilhante e bem manejada espada fôra levantada contra o tirano e a Floresta de Sherwood tremeu com as alegres canções e feitos dos homens cujos pais, sob a chefia de Robin Hood, haviam ganho a justiça do velho Henrique IV, e agora, sob a chefia do jovem Robin Hood, seu filho, também conseguiriam merecê-la de João, o usurpador.

Era um amargo e terrivel rei que ordenava ataques a todos aquêles que se furtavam de pagar os impostos — uma praga da qual muitos tentavam, mas poucos conseguiam livrar-se. Os homens de Robin atacavam e desapareciam e o pobre campônio que pagava cinco "shillings" de impôsto pela lavoura da terra, ou dez "shillings" para ordenhar a sua vaca, tinha o seu dinheiro mais tarde misteriosamente devolvido.

Quando as esperanças da Inglaterra começavam a se cristalizar, Robin foi enganado pela sua própria audácia. No mercado de Wottingham, quando ali se encontrava em companhia de Pequeno João, encontrou-se com alguns asseclas do Rei João que acabavam de apanhar vários homens, exigindo-lhes o pagamento do impôsto. Os que resistiam eram chicoteados e foi isso o que fêz Robin Hood esquecer o seu perigo. Sem vacilar, Robin Hood, com Pequeno João a seu lado, se lançou de encontro aos guardas. Apesar da temeridade da luta de dois contra cinqüenta, esta foi sangrenta. Lutaram e, finalmente, tiveram de entregar-se. Foi um orgulhoso capitão quem levou o mais famoso bandido da Inglaterra à presença do rei.

No grande salão do palácio real, o Rei João, cercado por seus nobres, esperava o prisioneiro. Stephen Langton, Arcebispo de Canterbury, mantinha-se de pé a seu lado. As grandes portas se abriram e Robin Hood e Pequeno João, em ferros, foram empurrados para dentro.

Robin Hood não tinha olhos para o rei e dirigiu o seu olhar para Marianne até que ela se virou. Então, Robin mirou o homem de ares soberbos o seu lado — era o Conde de Flanders, simpático, audacioso e rico. Enquanto isso, o Ministro do rei, Sir Giles Hawk o acusava.

— Tu, Robin, Conde de Huntington, és acusado de atos traiçoeiros contra o trono.

— Sim. E como te defendes, Huntington? — indagou sarcàsticamente o rei.

Sem tirar os olhos de Marianne Robin retrucou:

— Se fôr traição procurar a liberdade, defendendo o que é direito e justo, então sou culpado.

Triunfantemente, Sir Giles virou-se, sorrindo ao rei:

— Êle se sentenciou com as suas próprias palavras, Sire!

— E é uma pena que palavras tão valentes tenham de ser sufocadas pela fôrca — exclamou o rei, sorrindo.

Palavras vacilaram nos lábios de Marianne, embora ela se houvesse mantido calada. Agora, porém, levantou a cabeça enfrentando o olhar de Robin e tomou uma atitude resoluta.

— O maior crime do rei, — disse Robin — é que êle destrói *tudo* o que é bonito na terra.

Pequeno João sussurrou em seu ouvido, embora bastante alto para que todos ouvissem:

— Se pudéssemos apanhar Sua Majestade, poderíamos usá-lo como escudo... ou torcer-lhe o pescoço.

O Rei João caminhou imediatamente para trás, a face livida de fúria:

— Jogue-os nos calabouços, até que se possam construir fôrcas no pátio!

Robin deu-lhe as costas desdenhosamente, sem reparar nas lágrimas que Marianne não mais podia conter.

Na cela, impacientemente, Robin andava de um lado para outro. Finalmente, parou no catre de Pequeno João e murmurou tristemente:

— Lamento que a minha impetuosidade te haja envolvido nisto, Pequeno João.

O gigantesco homem simplesmente bocejou.

— Segui teu pai até o fim de seus dias, — retrucou, depois de um curto silêncio — e não me sentiria digno de mim mesmo se não o fizesse também por seu filho. Bem... se tivéssemos pelo menos uma arma... são apenas quatro guardas.

— Uma espada — replicou Robin vagarosamente. — E o espaço necessário para usá-la tomaria conta dêles. Mas... bem... a fôrca tem a sua própria liberdade.

— Menino Robin, — sussurrou Pequeno João — estou sonhando ou também vês o que vejo?

Acompanhando o olhar de Pequeno João, Robin viu um objeto que pendia de uma corda do lado de fora da janelinha que lhes emprestava um pouquinho de claridade. Robin atravessou a cela silenciosamente, seguido de perto por Pequeno João. Sem aguardar ordens, Pequeno João se abaixou e Robin trepou em suas costas. Então, Pequeno João se levantou e Robin ficou em nivel com a janela. Puxou o cabo e quem quer que o estivesse segurando na parte superior o soltou. Robin arrastou-o para dentro da cela. Agilmente, pulou dos ombros de seu fiel companheiro e lhe mostrou uma "echarpe" colorida, contendo uma serra de aço e uma barra de sabão.

— Milady Marianne — exclamou Robin, examinando a "écharpe".

— Sim, ela a usava no salão. E tu a julgaste traidora.

— Ao trabalho — retrucou àsperamente Robin. — Ficarás de guarda, enquanto eu serro a primeira barra.

A outra janela da cela dava para o pátio. Pesadas barras de ferro faziam com que a simples conjetura de uma fuga se tornasse quase um sonho. Lutando contra a lógica e confiando apenas na lei das probabilidades, Robin começou a serrar.

Imediatamente, aconteceu um imprevisto. Mal Robin começara a trabalhar, um som agudo cortou o espaço. Em sua pressa, se esquecera do sabão. Num instante, os guardas se haviam aglomerado na porta da cela. Mas, Pequeno João e Robin já se haviam deitado e respiravam normalmente. O primeiro guarda a entrar viu a corda e se encaminhou para ela. No entanto, quando passava pelo catre de Pequeno João uma gigantesca mão o agarrou, jogando-o de encontro a parede. Enquanto isso, Robin se lançara sôbre o outro guarda e com êle travou uma luta violentissima. Com a ajuda de Pequeno João, pouco depois os dois guardas estavam desacordados. O serviço fôra feito com tanta perícia que os guardas não haviam nem ao menos gritado e os seus companheiros continuavam pacificamente entregues aos braços de Morfeu. Pequeno João e Robin, no entanto, lhes ministraram algumas horas adicionais de sono.

— Espere por mim — gritou Robin, enquanto subia os degraus que levavam às outras celas. Na cela diretamente acima daquela que ocupavam se encontrava Marianne, assustada de mais para voltar aos seus aposentos.

— Marianne!

— Estás em perigo — advertiu-lhe Marianne. — Precisas partir imediatamente.

— Quando vi tua "écharpe"...

— Por favor! Precisas ir. Haverá um alarma a qualquer momento.

— Tu, Marianne, tu também estás em perigo e é necessário que eu te leve de volta aos teus aposentos.

— Não. E' a tua vida...

— Que agora pertence a ti. Acompanha-me.

Marianne vacilou um pouco, mas o acompanhou. Em baixo, Pequeno João o esperava.



Os barões da Inglaterra se rebelam contra o tirano João III. O movimento tem o apoio do Arcebispo de Canterbury



Quando o Rei João III elevou o preço dos impostos, o jovem Conde de Huntington resolve formar um grupo de bandoleiros para depor o Rei

— Segue em nossa frente e limpa o caminho.

— E' uma loucura — sussurrou Marianne. — Há soldados em todos os lugares em tôrno de nós.

— Amanhã, serei novamente um bandido — murmurou-lhe Robin ao ouvido, por entre as sombras do pátio. — Mas, esta noite, sou Robin, o Conde de Huntington, com o coração insuflado de gratidão... e amor.

Assim chegaram à porta dos aposentos de Marianne e Robin se virou para sair, mas ela o agarrou pelo braço.

— A dama recusa a gratidão, embora aceite o amor.

Estavam perdidos no êxtase de um abraço, quando o rouco sussurro de Pequeno João lhes chegou aos ouvidos: "Os guardas! Apresse-se!"

Mas, Robin ficou para dar mais um beijo. Então, quando Marianne fechou a sua porta, juntou-se a Pequeno João. Juntos, como a floresta lhes ensinara, desapareceram nas trevas da noite.

Na clareira, Robin deu três sopros em sua corneta de caça e os seus homens desapareceram como por encanto, ficando apenas uns cinco. Os homens de confiança de Robin, com quem êle discutia os seus problemas e formulava planos de ataque.

— Como vão os teus alunos? — perguntou Robin ao Rei Tuck. — Será que aprenderão a lutar algum dia?

— Há um certo toque de honestidade em todos êles, juntamente com uma vontade de aprender. No entanto, podem ser fàcilmente enganados. Will Scarlett tem cinqüenta arqueiros preparados.

— eu, — disse Alan-a-Dale — tenho mais ou menos outra quantidade igual de homens que podem diferençar o cabo da espada do fio.

— Ótimo — respondeu alegremente Robin. — E eu tenho boas noticias para vós. Uma amiga, uma boa amiga da côrte de João nos fará cientes dos seus movimentos e dos movimentos das tropas. Com tais informações, poderemos desferir golpes nos lugares onde sejam mais sentidos, até fazermos o tirano acreditar que somos milhares em vez de centenas.

— E' uma boa amiga, em verdade, para se arriscar na côrte de João — replicou Will Scarlett.

— Ah! — suspirou Alan-a-Dale. — Escreverei um sonêto para ela esta noite.

— O resto das notícias é mal — prosseguiu Robin. — Em vão falei com os barões. Sòzinhos, êles podem salvar a Inglaterra. Unidos, podem forçar o rei a assinar um tratado de liberdade para o seu povo. Recusaram-se a dar ouvidos à razão. Portanto, lutamos sòzinhos.

— Como chegarão até nós as informações de nossa amiga — indagou desconfiado Frei Tuck.

— Olhe para o céu — explicou Robin. — Virão as notícias em asas.

E, por pombo-correio, as mensagens começaram a chegar. De Marianne na côrte de João para Robin na floresta. Desde então, terminou a segurança das tropas do rei quando se dirigiam para cobrar os impostos. Em qualquer lugar os homens do rei eram massacrados, pois sempre caiam em alguma emboscada, eram atacados abertamente ou eram atravessados por setas que pareciam cair do céu como chuva.

Mas, um dia, chegou uma mensagem de Marianne dizendo que o rei comprara dois mil soldados mercenários ao Conde de Flanders e como o rei não mais tinha dinheiro, ela seria o pagamento, contraindo matrimônio com o conde. "Morrerei primeiro" — terminava assim a mensagem.

Assustado com a noticia, Robin pediu conselho a seus amigos. Pequeno João era a favor da idéia de que se invadisse o castelo, roubando Marianne, mas foi Alan-a-Dale quem insuflou esperanças em Robin.

— Quem são êsses barões? — indagou Robin.

— Fitzwalter, o maior barão da Inglaterra, é um dêles. Corre o rumor de que o rei também cobiça os seus latifûndios.

— Então, necessitamos avisá-los — declarou Robin resolutamente. — Depois disso, o conde de Flanders e eu temos um pequenino negócio a ajustar.

Mas, os barões não acreditaram nos avisos de Robin, pois, como poderiam supor que o timido João intentasse contra a vida de homens tão poderosos. Finalmente, devido à intercessão de Fitzwalter, os dois barões acreditaram e por pouco não foram assassinados. As tropas dos três barões, certamente, estavam à altura do exército do rei e de seus mercenários.

Ràpidamente, agora, os barões pediram a ajuda de Robin. Haviam feito um acôrdo que apresentariam ao rei para que o assinasse. Mas, isto era necessário que fôsse conseguido antes da chegada dos soldados mercenários da França.

— Êstes homens são comprados, — explicou Robin — e não serão entregues até que o preço seja pago. Juntai vossos homens e deixai os mercenários a meu crédito.

Em seu quarto, protegida de perto pelo rei, Marianne esperava pelo cumprimento de seu destino, sem receber uma só noticia de Robin. O vestido de noiva estava estendido sôbre a cama, uma preciosidade de beleza capaz de emprestar brilho ao coração de qualquer noiva. Marianne inclinou-se para o apanhar mas, ao contrário, jogou-o ao chão.

— Será a minha mortalha, antes de casar com um homem a quem não amo.

A flecha brilhou ao sol quando rasgou os ares e se cravou na parede do quarto de Marianne. Imediatamente, a dama notou que havia uma nota junto à flecha e leu-a:

"Finja obedecer ao rei em tôdas as coisas. Mas, insista em se casar na Abadia de Saint Dunstan... e confia em mim. — Robin."

Marianne leu a nota várias vêzes. Quando um mensageiro bateu em sua porta, apressadamente ela a destruiu. O enviado vinha da parte do rei e Marianne o acompanhou. Nem o rei nem o Conde de Flanders, que se achavam juntos, lograram esconder a alegria que sentiram ao tomar conhecimento da asserção de Marianne.

— Seria um êrro, minha querida, — sorrindo, exclamou hipòcritamente o rei — mostrar qualquer infelicidade ao povo em virtude de um casamento tão vantajoso como êsse que te arranjei.

(Cont. na pág. 31)



A bela dama Marianne se apaixona pelo destemido Robin Hood e depois de salvá-lo da prisão manda-lhe tôdas as notícias por pombos-correio



Depois de elevar o preço dos impostos e aterrorizar os simples camponeses, João III manda buscar mercenários na França, pagando ao preço com a bela Marianne, dada em casamento ao Conde de Flandres



E' o jovem Robin Hood quem planeja, juntamente com os barões, a maneira de depor João III





Maria Della Costa



Ao lado de Sandro Polônio, com que organizou uma companhia de teatro, Maria Della Costa percorreu muitas cidades pelo norte do país, com sucesso absoluto. Depois de um breve repouso merecido, pretende enfrentar novamente as câmaras.

TEMPORADA VITORIOSA NOS ESTADOS DO NORTE ★ "A MAIOR ARTISTA DRAMÁTICA DO BRASIL" ★ REGRESSO ★ NOVOS PLANOS, NOVOS PROJETOS ★ REPOUSO FORÇADO ★ BONITA E TALENTOSA, DESEJA MOSTRAR SUA EFICIÊNCIA NO CINEMA NACIONAL

MARIA Della Costa não é uma artista que necessite de apresentações. Suas carreiras teatral e cinematográfica, especialmente a primeira, são o seu cartão de visita. E sempre é vista com bons olhos (vejam as fotos, meninos). Recordar o seu passado, portanto, não chega a ser novidade para os fãs. Comecemos pelo meio, pois.

Ninguém pode negar que o teatro no Rio de Janeiro sentiu um vácuo quando a companhia de Sandro Polônio e Maria Della Costa, abandonou a Capital para empreender uma excursão por outros Estados do país. Em verdade, essa excursão não tinha o objetivo de ser tão longa e demorada, mas o sucesso foi tanto que novas etapas eram vencidas e novos horizontes iam surgindo. E o tempo foi marchando. Há dois anos atrás, o Rio acabava de aplaudir «A Respeitosa», de Sartre, no Teatro Fênix. Foi quando a companhia partiu, rumo a São Paulo, depois Rio Grande do Sul, onde percorreu 20 cidades, regressando a São Paulo. Alí, inaugurando o Teatro da Cultura Artística, com a peça «No Fundo do Poço», que permaneceu 4 meses em cartaz. De-



...á voltará ao cinema?





Trabalhadora infatigável, Maria Della Costa não descançou um só minuto em sua longa excursão pelo país, chegando a emagrecer seis quilos. Ainda assim, suas fotos recentíssimas freiam os olhares masculinos...

pois houve espetáculos durante um mês, no Colombo, a preços populares. Surgiu a idéia de visitar o norte. E lá se foi a companhia para Recife, João Pessoa, Natal, Mossoró, Fortaleza, São Luís do Maranhão, Belém do Pará, Maceió e Bahia O repertório era de primeira. O teatro artístico e cultural invadia os Estados vizinhos com peças do quilate de «Desejo», de O'Neill; «Tereza Ranquin», de Zola; «A Família Barret», de Bessier; «A Respeitosa», de Sartre; «Morro dos Ventos Uivantes», de Emilly Bronteé «Rebeca», de Daphne du Murrier; «Tabaco Road»; «Carreira da Zuzú», «Peg do Meu Coração», etc. Sem falarmos que o repertório nacional estava muito bem representado por «No Fundo do Poço», e «A Xicara do Imperador», do talentoso Pedro Bloch. As multidões deliravam e aplaudiam calorosamente não só a intenção da companhia em apresentar argumentos sólidos e de envergadura, como a interpretação impecável dos atores. Maria Della Costa não mediu sacrifícios. O público exigia sua presença e ela ali permaneceu no palco, para não desapontar seus fãs. Tanto que, durante sua temporada em Fortaleza, trabalhou diversas noites com febre, com uma temperatura de 39 graus e meio — e com o mesmo espírito dramático de sempre. Era como se a fôrça de sua alma extinguisse o cansaço febril de seu corpo. Em Recife, teve o prazer de ouvir estas palavras, pronunciadas por Waldemar de Oliveira, diretor do Teatro Santa Izabel, depois dêste assistir à sua interpretação em «A Respeitosa»: «Maria, voçê é a maior artista dramática do Brasil!» O sucesso foi absoluto. Mas a luta diária ia consumindo as fôrças da atriz. O drama da vida real era mais forte que a ficção e ela tinha também que viver o seu papel, fóra do palco, com a mesma convicção que representava na ribalta. O trabalho exaustivo fêz com que emagrecesse seis quilos (atualmente pesa 52) e com-

(Cont. na pág. 30)





A MARCHA DO CINEMA BRASILEIRO

APÓS cinqüenta dias ininterruptos de filmagem, acaba de regressar da Praia de Tôrres, Rio Grande do Sul, a equipe técnica e artística da primeira produção da Horizonte: "Vento Norte". Pela primeira vez em nosso país as tomadas de cenas interiores são feitas no próprio local das filmagens de exterior, dando à película que está em vias de conclusão um realismo muito mais acentuado e dominante.

"Vento Norte" conta a história simples e humana de uma colônia de pescadores à beira do Atlântico, sob o império de um vento de maus presságios e portador de paixões e tragédias. O entrecho cinematográfico é de autoria do jornalista Josué Guimarães, da revista "O Cruzeiro", do Rio, que se baseou numa idéia original de Salomão Scliar e Eduardo Tanon e tem como intérpretes principais os atores Roberto Bataglin, no papel de João, Patrícia Diniz, em Maria, Berta Scliar, como Luísa, e Manuel Peixoto, no papel de Manuel, chefe do grupo de pescadores marítimos.

Salomão Scliar, produtor e diretor da primeira película da Horizonte, tem como seus co-produtores os industralistas Adel Carvalho e Jenor C. Jarros, como assistente geral Eduardo Tanon e ainda, como membros de sua equipe técnica Artur Felsinger, som, Gleb, luz e Slavas, câmera.

Vence assim a primeira emprêsa gaúcha de filmes de longa metragem a sua grande batalha inicial na produção dêsse filme, estando bastante adiantados os trabalhos de montagem e gravação do fundo musical, de autoria de Cláudio Santoro, regente da orquestra da Rádio Nacional, bem como a regravação geral do som feito no local de filmagem.

O lançamento de "Vento Norte" deverá se efetuar em março próximo, num dos grandes cinemas de Pôrto Alegre, em espetáculo especial, com a presença dos artistas principais da película e seus produtores. Logo após a primeira produção da Horizonte será lançada simultâneamente nos cinemas das principais capitais do Brasil.

Já se encontra em preparo a segunda produção da Horizonte que deverá rodar em meados de abril dêste ano.

Confirma-se, pois, a excelência do clima e das condições de luz do Rio Grande do Sul, para a indústria cinematográfica, há muito preconizadas pelo inesquecível camera-man Greg Tollend, e largamente comprovadas pela parte fotográfica de "Caminhos do Sul", e agora ainda pela escolha da Vera Cruz para rodar a sua terceira película, "Ângela", na cidade de Pelotas.

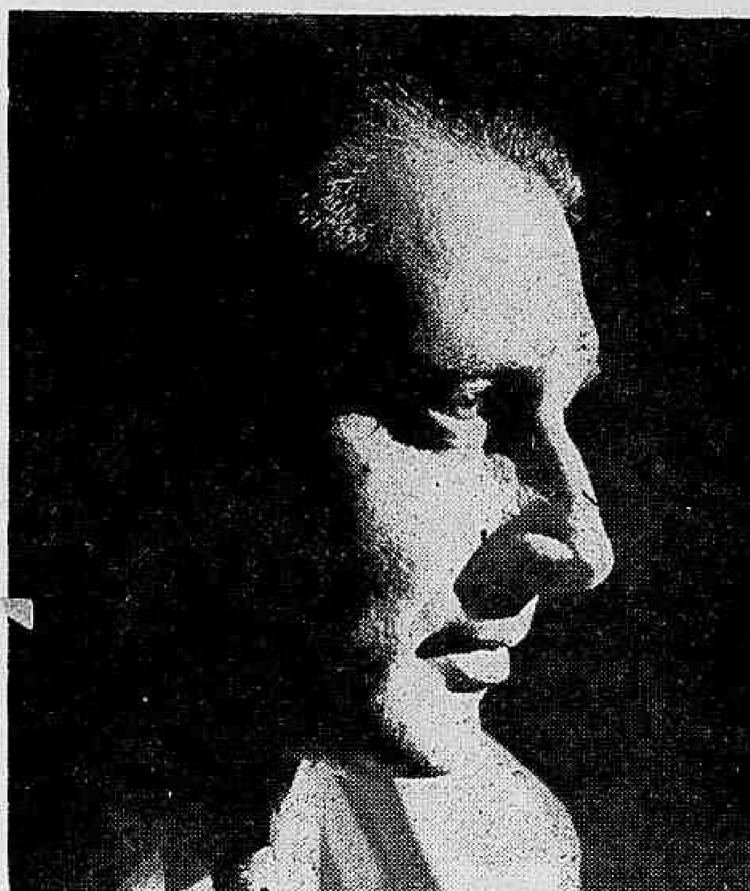
E' muito cedo ainda para fazermos prognósticos. Mas tudo nos leva a crer que a Horizonte é dessas companhias firmadas em bases sólidas capazes de aprumarem definitivamente o rumo certo que a bússola de homens conscientes deseja apontar para a boa marcha do cinema nacional. Aguardemos, pois.







Anselmo Duarte assina contrato com a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, no gabinete do Presidente da Universal Filmes S.A., distribuidora dos filmes da Vera Cruz. Na foto, Anselmo Duarte entre os srs. Michael Bergher, presidente da Universal Filmes S.A. e Gustavo Nonemberg, representante da companhia paulista. O primeiro filme de Anselmo Duarte, na Vera Cruz, será «Tico Tico no Fubá» (Vida de Zéquinha de Abreu), produção de Fernando de Barros, direção de Adolfo Celi, cenários de Jaques Maret e Gustavo Honnenberg, diálogos de Guilherme de Almeida, música de Radamés Gnatalli. Anselmo Duarte será o protagonista do filme ao lado de Tônia Carrero que acaba de ser contratada pela Vera Cruz.



ALDO CALVO
Cenógrafo de «Tico-Tico no Fubá»



ADOLFO CELI
Depois de «Caiçara», dirigirá «Tico-Tico»



Mário Civelli, diretor da Maristella, entre nosso companheiro Alex Viany e Vão Gôgo, ambos contratados pelo cinema paulista. Na gravura, Civelli ri de uma piada de Vão Gôgo cenarizada por Alex. Nota importante: Civelli é o gorducho, Alex é o de bigode, Vão Gôgo é o que está sobrando...

Mexericos

Betty Huton, de 29 anos e Theodore («Ted») Briskin, de 32, cameraman, após 4 anos e meio de casados, com duas filhas, divorciaram-se definitivamente. Quatro meses de conversação e mais outros quatro de reconciliação — mas cada qual seguiu para o seu lado. O «acontecimento» teve lugar em Santa Mônica, California...

★

Faleceu o veterano ator Jack Holt, aos 62 anos de idade, em West Los Angeles. Jack Holt nasceu em Virgínia e é pai do cowboy Tim Holt, e bisneto do Chefe de Justiça John Marshall. Jack Holt foi pioneiro no Alaska, antes de seu rosto ser conhecido por milhares de fãs em todo o mundo.

★

Alan Ladd já trabalhou em mais de cinqüenta películas, desde que fez seu primeiro filme. Seu último trabalho foi assinalado em «A Marca Rubra», da Paramount.

★

John Payne, por ocasião da estréia do filme «Tripoli», que interpreta com Maureen O'Hara, visitou cerca de 59 cidades dos Estados Unidos, acompanhando o celuloide em suas «premières».

★

Vanessa Brown, a singela vienense, contraiu matrimônio com Robert Franklyn, cirurgião plástico. Eis uma medida que muitas Joan Crawford deveriam tomar. Assim, pelo menos teriam de usar menos «make up» e não seriam tão ridículas.

★

Jeanne Crain e Paul Brinkman deram as boas vindas a mais um garoto, o terceiro. Jeanne acha que os filhos lhe dão sorte e cada filha significa mais um passo na árdua escada da representação. Com o primeiro filho foi elevada ao estrelato. Com o segundo, ganhou o papel principal em Pinky». Agora, com o terceiro, ganhará o «Oscar»?

★

Pamela Kellino, a espôsa de James Mason, interpretou um pequeno papel em «Caught» (Coração Prisioneiro), embora tenha passado desapercebido. No entanto, tem um dos principais papéis em «Pandora and The Flying Dutchman», disputando o coração de seu espôso na vida particular, à sedutora Ava Gardner, papel que também desempenha muito bem na vida privada. Parece que Pamela soltou o coração, para perseguir o Holandês Voador...

★

A atriz Ava Gardner foi votada pela Associação Nacional das Artistas como a possuidora de uma face que estimula o desejo e tem o potencial e explosivo da bomba de hidrogênio...



ROTEIRO DE VIAGEM

CRONICA DE BUENOS AYRES

de **ALBERTO CONRADO**

(Enviado Especial de «A CENA» aos paises da América Latina)

365 DIAS DE TANGOS E BOLEROS — O CINEMA ARGENTINO EM 1951

BUENOS AIRES, janeiro — Durante o ano de 1950 travou-se na Argentina uma dura batalha entre o ritmo tropical e o cadencioso compasso de tango, sem chegarmos a saber, exatamente, quem tem no momento mais adeptos. A nota importante do ano em Buenos Aires foi a atuação de Edmundo Rivero, que, desquitado da orquestra de Anibal Troilo, estreou nos grandes programas da Rádio Belgrano com o acompanhamento de orquestra e cinco guitarras, sem levar em conta que o cantor argentino é um eximio concertista. A recepção que lhe dispensou o público foi apoteótica e em cada programa seu, no amplo auditório de LR-3, culminava com a carga da policia que impedia a entrada da multidão aglomerada. Dizem os argentinos que, graças a Rivero, o tango ficou em igualdade, em muitas ocasiões, frente ao *mambo* (ritmo colombiano que é a coqueluche do continente americano), que é sócio do bolero, mais ritmico e mexido, vinha numa avalanche para tomar conta da gravação de disco. Os solistas experimentaram uma recuperação, mercê do *cartaz* de Rivero e foi assim como Angel Vargas marcou um notável sucesso com seu "tango florido" e Alberto Castillo reeditou seus èxitos, triunfando em filmes, nos teatros e na rádio, cumprindo ainda uma excursão por tôda a América.

Entretanto, pouco ou quase nada variou o panorama no campo tropical. Genaro Salinas, Gregorio Barrios, Leo Marini e Pedro Vargas formaram um quarteto de primeira linha ao que se lhe juntaram Fernando Torres (ex-solista dos Lecuona Cuban Boys), Fernando Albuerne, Daniel Adamo, Raul Videla e quase a última hora entrou no páreo uma voz, à qual o bolero, o mambo e o ritmo tropical assentavam um pouco mal. Era uma voz clássica. Tratava-se de Manuel Alvarez Mera, que chegava dos Estados Unidos precedido de agalardoadores comentários, aos quais justificou em Buenos Aires. Foi realmente a maior novidade em matéria de vozes e em matéria de repertórios se verificou uma subida pronunciada com o *mambo*, que surgiu em 49, cresceu em 50 e parece agigantar-se neste ano, e é muito possivel que lhe molhe a orelha ao bolero. Se o novo ritmo ganha maior fôrça que o bolero, vamos ver como se arranja o tango para tirar do seu caminho essa mania bem definida na letra de uma composição do gênero que diz:

"Poco, poquito a poco,
Te vas metiendo en mi corazón...
"Poco, poquito a poco
Ya voy perdiendo hasta la razón.

★

Que perspectivas oferece o cinema argentino para 1951?

Acabamos de nos despedir de 1950 com uma péssima impressão do cinema platense em relação às suas possibilidades econômicas e ao manto protetor do Estado. Por mais de uma vez, através destas crônicas e de "Cine-Arte ou Cine-Ópio", esta última, uma reportagem sôbre os problemas que afetam a produção argentina, apontamos os pontos que devem ser corrigidos. Agora, ao enfrentar o ano que começa, os fãs argentinos repetem rigorosamente a pergunta com certa angústia. Melhorarão em 1951 os filmes argentinos? Francamente, devemos confessar que as promessas não são muito alentadoras. E, como não se trata de fazer vaticinios no ar, como os "embromadores" da bola de cristal, falemos sôbre fatos concretos, para que nossos leitores brasileiros e amigos argentinos não nos taxem de pessimistas "a priori". Aqui está a relação das produtoras da Argentina, que conta com umas vinte-e-cinco marcas, que são: Estudios San Miguel, Argentina Sono Film, Emelco, Artistas Argentinos Associados, E. F. A., Interamericana, Cosmos-Film, Andes, S.I.F.A., General Belgrano, Mapol, Inti, Huasi, Porteña-Film, Sinca, Del Carril e Anzuola, Rio de la Plata, Terra Libertad, Baires-Film, Liminarias, Luminton, Guaranteed Pictures, Julio Villarreal e Movyart. Destas vinte-e-cinco produtoras, não chegam a meia-dúzia as que têm dado a conhecer seus planos concretos e definidos sôbre os filmes que projetam apresentar êste ano. Dentre elas, devemos assinalar: Emelco, Argentina Sono Film, Ártistas Associados, Interamericana, General Belgrano, Guarecntedd Pictures e... e nenhuma outra. Pode-se dizer que, dentre as vinte-e-cinco do total, existem dezenove produtoras que vivem no limbo das boas intenções. O que promete o cinema argentino para 51 é bastante pobre, pois, verifica-se que a soma total dos filmes elaborados ou projetados não chega a vinte... e como as produtoras são vinte-e-cinco... resulta que os argentinos não possuem sequer uma promessa de cada produtora.

VOLTAM A ACENDER-SE AS "LUZES DA CIDADE" — UM NOVO FILME DE SJOBERT

BUENOS AIRES, janeiro — Tôdas as grandes peliculas, produzidas em todo o mundo durante 1949 e a primeira parte de 50, deram-se a conhecer em Nova York. Tudo fazia supor estar muito dividida a opinião quanto a eleição do melhor filme do ano, pos muitos filmes aspiravam ao galardão com idênticas qualidades.

Mas, repentinamente, anunciou-se num cinema a reprise de "Luzes da Cidade", de Charles Chaplin. O fato despertou interêsse. Chaplin acabava de ser eleito o melhor ator dêste meio século, o qual reavivou as simpatias do público em tôrno do gênio cinematográfico. Além do mais, tem crescido nos últimos tempos tôda uma geração que, até agora, desconhece por completo a arte inimitável do fantástico cômico e havia então possibilidade de que se decidira a vê-lo.

E quem nos diz que quem viu Chaplin em sua juventude não iria agora voltar a rir com êle? O certo é que "Luzes da Cidade" retornou ao cartaz em quase tôdas as capitais do mundo. O Grande Teatro ópera, de Buenos Aires, registra enchentes consecutivas e as risadas continuam sendo as mesmas. Dessa forma, depois de um parêntesis de vinte anos, recomeçaram no universo as exibições de "Luzes da Cidade" (City lights). Em Nova York e em Paris, o regresso do inesquecivel filme de Chaplin tem sido triunfal. Para muitos, essa obra de 1931 deve ser considerada o melhor filme de 1950. Não perder o brilho, nem a beleza, nem a originalidade, nem o risonho encanto em quase vinte anos constitui, para uma pelicula, um milagre sem precedentes. Quando Chaplin fêz esta obra-de-arte, o cinema sonoro acabava de cumprir três anos. Com o novo invento, os filmes não eram nada mais que diálogos e numerosas sessões de canto fotografados com poucas pausas. Nas tomadas de *monólogos* e *duos* sacrificavam-se as nobres virtudes do cinema mudo. Chaplin, em "Luzes da Cidade" permaneceu fiel a êste. Sua atitude abriu campo à grande polêmica entre os que viam na palavra e nos "ruidos" um intruso desagradável, e os que saudavam o rompimento do cinema com o silêncio e o passado. Desde o espectadór menos informado até os intelectuais intervieram na grande disputa. Hoje, na distância dos anos, vemos a esterilidade da discussão, abandonada pelo seu promotor ao fazer também filmes falados. A atitude de Chaplin não resistiu ao tempo e ao progresso técnico do cinema, mas "Luzes da Cidade" perdura com tôda sua fôrça e sua profunda emoção. Os que eram jovens faz vinte anos não poderão voltar a ver "Luzes da Cidade" sem que os domine a memória do coração. Os que hoje são jovens assitirão a exibição de uma obra "clásica" do cinema.

Nunca o o vagabundo Chaplin foi mais gentil, mais heróico e enamorado do que em "Luzes da Cidade". Pela florista cega que vendia camélias, triste e resignada, à volta da esquina, o vagabundo aceitou os desprezos do milionário alcoólico que o recebia à noite com charutos, licores e festas e o expulsava de casa na manhã seguinte de uma forma brutal, sem conservar memória do incomparável companheiro. Por ela, para que ela pudesse contar com o dinheiro da operação salvadora que lhe devolveria a visão,

(*Cont. na pág.* 28)





RÁDIO-INQUERITO

RESPONDE:

RAYMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR

P — **Qual deve ser a função do Rádio?**

R — Educar, divertir, servir de veículo à publicidade.

P — **Julga que o nosso Rádio exerce essa função?**

R — Sim. Umas estações em grau maior, outras em grau menor. Não é necessário demonstração. Basta ouví-las.

P — **Qual a melhor estação carioca? Por que?**

R — Uma estação é a melhor no momento em que irradia um bom programa; e essa mesma estação pode ser má, quando irradia um mau programa.

P — **Acha que o nível artístico do nosso Rádio atingiu o máximo?**

R Nunca se atingiu o máximo em coisa alguma.

P — **Que acha das novelas?**

R — Há boas e más, como em todos os programas. E atendem a um grande público, desejoso de reencontrar, nelas, as emoções do romance-folhetim do passado. Não nos devemos esquecer de que Alexandre Dumas, Eugene Sue, Xavier de Montepin, Poinson du Terrail e outros foram os novelistas de rádio... sem rádio... do passado.

P — **Quais os melhores programas?**

R — Seria longa a enumeração. Para o meu gôsto pessoal, os programas de de boa música, com grandes orquestras, são os melhores, especialmente quando não há um locutor fazendo fôrça para nos explicar a música com excessos de erudição.

P — **Quais os melhores programas musicais?**

R — Os da Roquete Pinto e Ministério da Educação, os quais, no entanto, não deviam repetir tanto uns certos discos.

R — **E humorísticos?**

R — Gosto da PRK-30, de Lauro Borges, dos programas de Max Nunes, J. Rui e outros.

P — **E dos programas de auditório?**

R — (Não respondeu).

P — **Quais os melhores produtores?**

R — (Não respondeu).

P — **A que se deve o êxito de um programa?**

R — A uma perfeita conjugação dos seus valores: uma boa idéia ou "script", bons intérpretes, boa escolha de efeitos musicais, etc..

P — **Qual o gênero de programa que mais agrada ao ouvinte?**

R — Esta pergunta representa uma consulta geral que só o I.B.G.E. e o I.B.O.P. poderiam respondê-la.

P — **Acredita no I.B.O.P.? Por que?**

R — Acredito no I.B.O.P. não como uma coisa absolutamente infalível ou mais que perfeita, mas como um processo honesto de investigação, capaz de obter resultados **médios** ou aproximados do gôsto do público ou da aceitação, que parte dêste, de idéias ou de produtos.

P — **Há possibilidades de se montar programas montados em todos os horários?**

R — Não entendo a pergunta. Que é programa montado?

P — **Qual o melhor horário do rádio?**

R — Para mim, é aquêle em que estou em casa e posso ouví-lo.

P — **Os programas de gravações tendem a desaparecer?**

R — São programas e crônicas que existirão enquanto houver estações em crise.

P — **O que mais aprecia no Rádio?**

R — A sobriedade, que é o que há de mais raro nêle. Nos anúncios e na matéria redacional.

P — **Sofrerá o Rádio modificações radicais com o advento da televisão?**

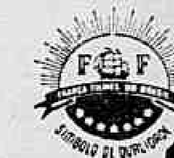
R — No meu entender, a televisão predominará esmagadoramente. Mas sempre haverá rádio, quando mais não seja, irradiando para os cegos, os míopes e os automobilistas!

P — **Que gostaria de realizar no Rádio?**

R — A distribuição de dividendos aos acionistas, na capacidade de presidente da Sociedade Anônima de uma boa PR...

P — **Por que não o faz?**

R — Ora! Você ainda me pergunta?

DUAS PERSONALIDADES DIABÓLICAS REUNIDAS NA VIDA DE UM HOMEM!...
JEAN GABIN
Sombras do PASSADO
(MIROIR)
com MARTINE CAROL
DIREÇÃO DE RAYMOND LAMY
IMPROPRIO 18 ANOS
COMPLEM NACIONAL

HOJE
2-4-6-8-10 HS.
PATHÉ
PRESIDENTE
ALVORADA
LEME
PARA TODOS

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos.



JOHN FORD

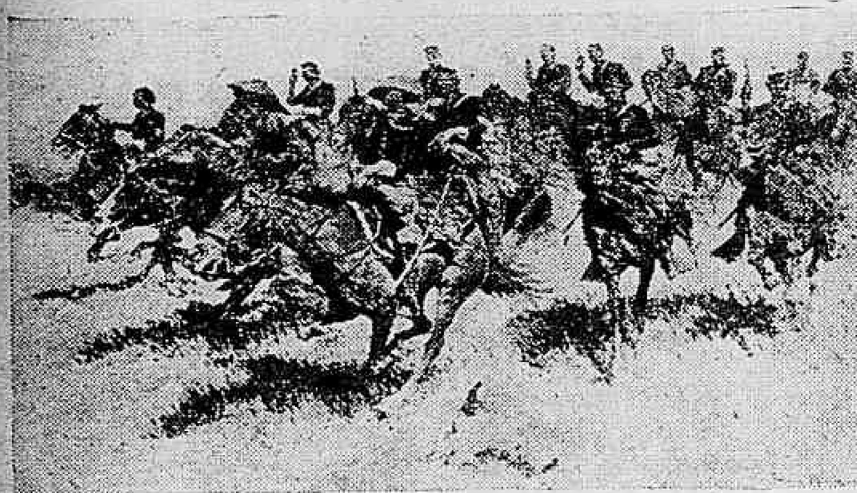
DE NOVO NO OESTE



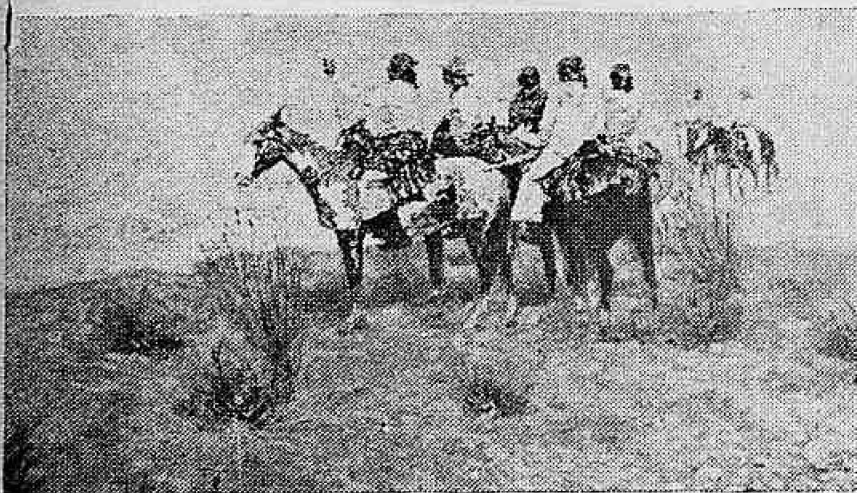
John Ford, três prêmios da Academia



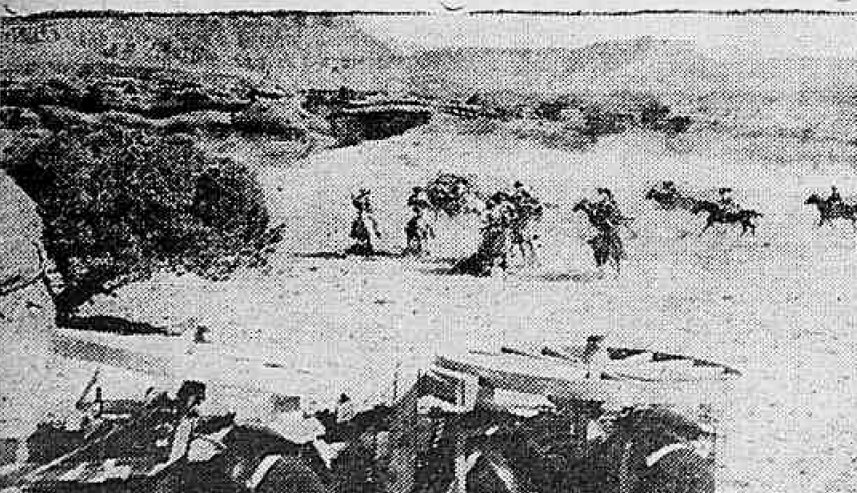
A orgulhosa e imponente Cavalaria norte-americana folacilizada na tela, no filme de John Ford. «Rio Bravo»



A mesma Cavalaria, no famoso quadro a óleo da autoria de Frederico Remington, intitulado «Nas Planícies do Sul em 1860» (Copyright Remington, Art. Memorial)



Quadro intitulado «Os Apaches Escutando», da autoria de Frederic Remington. (Copyright Remington, Art Memorial)



Tropas da cavalaria repelindo um feroz ataque dos índios Apaches no filme «Rio Bravo»

ALGUNS dos melhores trabalhos de John Ford tiveram como tema o eterno e inesgotável oeste americano. Nessa categoria, podemos situar o clássico «No Tempo das Diligências» e o mais recente «Paixão dos Fortes». Todavia, muitos outros filmes vieram situar o realizador de «O Delator» entre os melhores diretores do cinema americano. Alguns de seus últimos trabalhos, no entanto, vieram colocá-lo numa situação incômoda perante os críticos, alguns dos quais chegaram a declarar que John Ford estava se comercializando, abandonando a sua arte. Talvez fôsse verdade. Contudo, nessas mesmas películas comerciais, Ford não havia abandonado a sua arte e em muitas cenas, na maioria mesmo, poder-se-ia notar o toque característico de suas criações, os tipos humanos que êle movimenta como poucos, a paisagem poética e branda que êle sabe apresentar, etc.. Alguns mesmo chegaram a dizer que John Ford estava cavando sua própria sepultura e anunciavam o seu entêrro como diretor cinematográfico...

Meras palavras. John Ford empenhou-se novamente no oeste americano para apresentar mais uma de suas películas típicas. Trata-se de «Rio Bravo», que a crítica norte-americana, embora nem sempre exata, vem aclamando fortemente, e que a revista «Motion Picture Herald» classifica de **Excelente**, independente de ter sido situada entre as cinco primeiras colocadas na lista dos filmes «Campeões de Bilheteria» nos Estados Unidos. Eis, portanto, como se expressou o crítico Fred Hift, dessa revista: qualquer exagêro, qualquer entusiasmo falso correrá, certamente, por sua própria conta, como se vê:

«Fazendo uso da perfeição de que só são capazes os verdadeiros mestres-no-ofício, John Ford vem aí com um «wester» de proporções épicas, com uma película que irá, sem dúvida, se juntar à galeria das melhores entre os seus inúmeros sucessos.

«Rio Bravo» é um grande filme! E' uma película onde se acham, muito bem combinados, a mais movimentada ação com momentos de humor e ternura. O seu tema focaliza na tela o vasto e imponente oeste norte-americano e os bravos homens da cavalaria que ali lutaram para proteger aquêle território dos seus ferozes inimigos selvagens. Todos os truques conhecidos pela câmara para captar efeitos atemorizadores, dêsses que deixam o público em suspenso, foram empregados nesta película.

«Rio Bravo» pertence à categoria dos filmes que os exibidores de tôdas as partes — tanto das pequenas como das grandes cidades — acolherão com os braços abertos, como o que de melhor Hollywood é capaz de produzir. Trata-se de uma película de grande tensão e excitamento e isso, automàticamente, significa que ela é uma forte concorrente às honras da bilheteria. Sendo uma produção Argosy, «Rio Bravo» é a primeira película dirigida por Ford sob o contrato que êle e Merian C. Cooper assinaram em princípio dêste ano com a Republic. Trata-se ainda da mais gigantesca e dispendiosa produção que até hoje essa companhia já produziu. As despesas e os esforços empregados nela foram bem recompensados. «Rio Bravo» é uma película sólida, resistente e vigorosa. Ela representa a essência do divertimento cinematográfico.

Apesar da maioria das honras dêsse filme se dirigirem a Ford, as restantes delas estão divididas entre o seu argumento e os seus intérprtes. O nome dêsses artistas representam um autêntico chamariz de bilheteria e as suas performances fazem-nos sentir a rudeza dos anos do princípio do século e o homem que protegeu uma fronteira enfrentando a solidão e o perigo. John Wayne está soberbo no desempenho do rijo e valente coronel! Ser um bom ator já constitui uma marca registrada para Wayne, porém em «Rio Bravo» êle suplanta-se a si próprio. Não só êle vive a figura de um herói, como a de um ser humano que vibra, sofre e se aflige.

Nos demais papéis temos Maureen O'Hara que está linda e impressionante no papel da espôsa sulista de Wayne, cujo amor triunfa sôbre a sua amargura pela perda da guerra civil. Ben Johnson dá um desempenho seguro ao seu papel de soldado da cavalaria sulista. Claude Jarman interpreta com perfeição o papel de filhó de Wayne; o sempre correto Victor McLaglen, é o sargento; Chill Will e Carol Naish, são dois coadjuvantes que «roubam» tôdas as cenas em que aparecem. Trata-se realmente de um elenco perfeito à altura de um argumento perfeitamente executado...

O filme foi extraído de um **screenplay** da autoria de James Kevin McGuiness e baseado numa história publicada no «Saturday Evening Post» escrita por James Warner Bellah. Um grande número de lindas melodias são ouvidas durante o desenrolar do filme sem prejudicar entretanto a seqüência da ação. Bert Glennon, um dos mais competentes fotógrafos de Hollywood, é o responsável por algumas das mais belas fotografias já vistas na tela e que são apresentadas nessa película.

Possuidor de um talento cinematográfico inigualável, o inteligente John Ford empregou todos os seus «toques» característicos e inimitáveis, que contribuiram para fazer desta, **a grande película** que ela realmente é. As suas cenas de luta brilham com o vigor da ação e êle nunca esquece da parte destinada a fazer vibrar o coração das platéias. Ford confirma aqui uma vez mais, a sua reputação de «mestre dos mestres» das películas do gênero «western», uma reputação que êle vem mantendo desde que realizou «Stagecoach».

A história de «Rio Bravo» é simples. Ela gira em tôrno do Coronel Wayne, cujo filho Claude, havendo fracassado na Academia Militar de West Point, alista-se no exército e é designado para servir sob o comando de seu pai. Maureen pede ao coronel, seu espôso, que deixe o rapaz regressar ao colégio em sua companhia e, nessa viagem de volta, são êles capturados num ataque de índios e, numa subsequente impelida contra os «Apaches», são êles levados prisioneiros através da fronteira mexicana. No final Wayne é ferido mas consegue salvar-se e rehaver sua família».

ass. **FRED HIFT**



«Esvoaçando a manta para conduzir o gado» é o título dêste quadro também da autoria de Remington



Êste é Frederic Remington, o famoso artista do Oeste, em cujos quadros John Ford se inspirou para a confecção de «Rio Bravo»



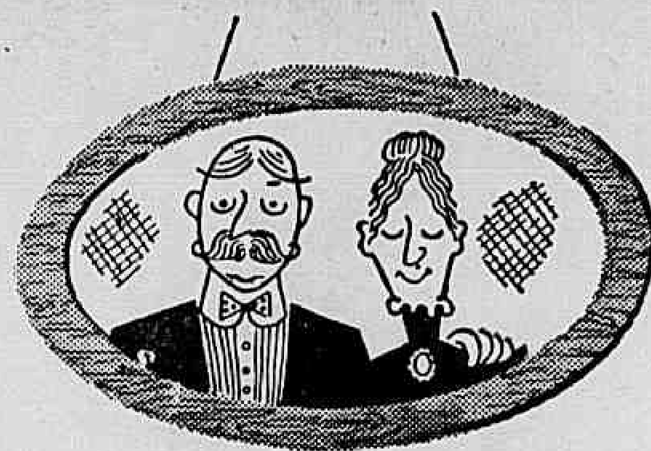
Eis John Wayne, tal como aparece nesta película, num croquis feito pelos desenhistas dos estúdios da Republic



John Wayne e a linda Maureen O'Hara, num desenho de uma cena amorosa para o referido filme

DE SABOR BEM NOSSO...

– o licor da família brasileira!



Há quarenta anos o Licor de Cacau Dubar vem deliciando o paladar dos que sabem escolher. Peça Licor de Cacau Dubar e estará pedindo o melhor.

LICOR DE CACAU DUBAR



em ½ litro ou 1 litro



DUBAR *há uma delícia Dubar para cada paladar*

Standard

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 165 - 1.º andar

SANTOS
Rua Martim Affonso, 163

Melodias para você

A PEDIDOS

NANÁ

De Ruy Rey e Rutinaldo
Gravado por Ruy Rey e sua orquestra

Me pediste un beso y yo te di
Me pediste amor y yo te di
Pero matrimonio
No te puedo dar
No Naná, no Naná

No Naná
Matrimonio no te puedo dar
Siempre solo quiero caminar
No Naná, no Naná
Matrimonio no te puedo dar
Porque no me gusta trabajar
No Nanaá, no Naná...

N.R.:—Semanalmente publicaremos neste quadro a letra mais solicitada pelos leitores. Se você deseja ver aqui a sua melodia preferida, escreva para «Melodias para Você», Redação de A CENA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Música brasileira

A VIDA DO CHOFÉR

CHÔRO

(Walter Teixeira — Luiz Guilherme)

Que triste vida
Leva o pobre chofer
Trabalhando dia e noite
P'ra sustentar a mulher
Pela cidade
Êle só vê é confusão
Aqui não pode entrar
Ali é contra mão
E essa gente
Diz que a vida é malandragem
Mas o pobre do chofer
E' só no freio e na embreagem
Pela noitinha
Seu corpo vira bagaço
Vai direto, para cama
Quase morto de cansaço.

O nosso povo
Quase sempre anda tonto
E' o primeiro a dizer
Que chofer dorme no ponto
Não vê a faixa
E faz atrapalhação
Quando leva uma trombada
Mora sempre na razão
Vida apertada
No duro de suportar
Quando chega o fim do mês
Tem as multas p'ra pagar
Até dormindo
O chofer tem assombração
Pegando na patroa
Pensando que é direção.

ADORÁVEL COMO UM SONHO

(FOX)

de Haroldo Eiras e Ciro Vieira da Cunha

Adorável como um sonho
foi a noite de luar
em que teus lábios vermelhos deste a mim [para beijar
Êsse encanto que puseste em teu sorriso de amor
não brilhou como uma estrêla pois viveu como [uma flor
Virás, bem sei, um dia
com o teu beijo encantado transformar a [minha vida
n'um palácio iluminado
Adorável como um sonho será então a dor
que fere a minha vida meu amor.

Música americana

WITHOUT YOU
(FOX)

I'm so lonely and blue
when I'm without you
I don't know what I'll do sweetheart without you
the joys and tears that love endears
would have no meaning
If I dindn't have you to keep me dreaming
At the close of each day
when I'm without you
and my heart kneels to pray
sweetheart about you
You take a star
and lead it far away from heaven
and the star will be lost
wnen I'm lost without you.

SLIPPING AROUND

(FOX)
Floyd Tillman

Seems I always have to slip around
To be with you my dear;
Slippin Around
Afraid we might be found;
I know I can't forget you
And I've gotta have you near
But we just have to slip around
And live in constant fear
I guess I had it comin'.
There's nothin I can do;
I know I've made mistakes dear.
But I'm so in love with you;
I hope some day I'll find a way
To bring you back to me
And I won't have to slip around
To have your company.

Música francesa

CHANSON INDOUE

Versão francesa M. Delines e L. Laloy

Les diamants chez nous sont innombrables;
Les perles dans nos mèrs, incalculabres;
C est l'Inde, terre des trésors.

Hors des flots tiédes
Un rubis s'eléve
Le phénix s'y pose
Jeune fille aux traits pures!

Jour et nuit il chante
Sa chanson suave
Et ses grandes ailes
Sur la mer s'étendent.

On perd á l'entendre
Souvenir du monde
Le diamants chez nou sont innombrables,
Les perles dans nos mers incalculables;
C'est l'Inde, terre des trésors.

Música latino - americana

ME HACES PENSAR
BOLERO
Esteban Taronji

Yo te quiero pero no comprendo
el porque yo te quiero si me haces pensar
Que te vas, que te vas de mi vida,
que te vas y nunca volveras;

Son tus besos tan frios
que en los labios mios la muerte
me quieren dejar
y yo sé que con esa mirada,
una puñalada me has de dar;
Y me haces pensar

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.
PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.
(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA
Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo
Remessas pelo Reembolso
A venda nas boas Farmácias

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos

ANTHONY CURTISS

(Cont. da pág. 4)

tamanho grande e um tanto sonhadores. Olho nêle, meninas!

Anthony Curtis começou sua carreira artística como ator de teatro. Estudou drama em uma escola novayorkina e tomou parte em várias representações de companhias ambulantes. Quando trabalhava em um teatro de Nova York, ofereceram-lhe um contrato com a Universal International. Porém Anthony Curtis não abandonou seus estudos. Todo o tempo de que dispe é dedicado para aperfeiçoar suas qualidades. Estuda prosódia, declamação e bailado. Sua única aspiração é chegar a ser um dos grandes ídolos do público.

Seus filmes mais recentes são: «Winchester 73», «Larápios Grãnfinos» (Shoplifter), «Serras Sangrentas» (Sierra), «...E o Mulo Falou» (Francis), «Traficantes da Morte» (Johnny Stool Pigeon) e «Almas Abandonadas» (City Across the River).

RCTEIRO DA CIDADE

(Cont. da pág. 22)

o vagabundo soube dominar seu terror e subir ao "ring" e tombar vencido frente a um temivel campeão de box; por ela desafiou a policia e os assaltantes e por ela fêz o seu maior sacrificio: o de mostrar-se com sua triste vestimenta quando ela o julgava um elegante cavalheiro; o de quebrar o encanto, que era a única alegria da sua vida. Acabamos de assistii novamente a "Luzes da Cidade". Ao vê-lo, descobrimos que o nosso riso era o mesmo, depois dos vinte anos, e que agora, como então, reservávamos uma lágrima para o instante em que a "florista" vê o seu ridiculo protetor.

★

Outro filme sueco de categoria acaba de ser exibido nesta capital. Trata-se de "Bara en Moor" (Sòmente u'a mãe), do talentoso diretor Al Sjobert, que nos dera anteriormente "Tortura de um Desejo". Êste filme nos conta a história de uma jovem do campo que deve casar-se por obrigação com um homem que lhe é indiferente. Junto ao seu marido (que apesar de seus defeitos, é um bom homem para o lar), Rya, a protagonista, deixa transcorrer sua existência num clima de apatia interrompido por algumas inquietudes de ordem sentimental que a induzem até o adultério, sem que isso seja motivo para encontrar um objetivo na vida. Então, se dedica única e exclusivamente à sua função de mãe. Passam os anos; os filhos se multiplicam; o trabalho é exgotante e um dia morre, rodeada de parentes, tendo a escassa satisfação de ver, no seu leito de agonizante, um reflexo de ternura e compreensão no rosto de seu marido. "Bara en Moor" é um filme delicado, tênue, feito de olhares, pensamentos inexpressados, problemas domésticos e cotidianos; um filme que não se resolve nunca ou quase nunca tem ação dramática, mas que, ao mesmo tempo, possui um intenso drama como é a de uma vida fatigante e insatisfeita. Com excelente fotografia e enquadre (êste filme obteve o prêmio da melhor fotografia no Festival de Veneza), tem, além do mais, o mérito de apresentar a Eva Dahibeck, intérprete de grande sensibilidade e eficácia, e a direção magistral de Sjobert, agora consagrado como um dos mestres da psicologia das massas cinematográficas.

ALGEMAS DE . . .

(Cont. da pág. 11)

psicológico... Às vêzes, chegava a pensar que um dia chegaria quando, assim como desejava fazer tudo por nós, também resolveria fazer-nos êsse favor enquanto comíamos, mastigando a nossa comida, a fim de nos poupar trabalho. Odiava a minha idéia de escrever. Não acreditava absolutamente que isso reconquistasse o velho lugar dos Wingfield na sociedade, devolvendo-lhes o dinheiro e nada deixou de tentar para desencorajar-me. No entanto, Laura era a vítima de sua maior crueldade inconsciente.

Novamente, posso visualizar minha irmã, com máculas de dor em seus olhos, enquanto mamãe lhe contava as histórias de como era bela em sua mocidade, a ponto de ter, numa só noite, dezessete visitantes. Muitas vêzes, Laura tentava fugir, mas nessas ocasiões mamãe argumentava:

— Não importam os pratos. Desejo que você permaneça alegre e bonita para os cavalheiros que nos visitarem.

— Não haverá visitantes, mamãe.

— O quê? — mamãe sorria, as palavras tropeçando de sua bôca como notas de uma flauta. — Nem um? Nem um? Tem de haver uma enxurrada, ou uma avalanche.

— Nem uma enxurrada, nem uma avalanche — Laura virou-se para mim, os pálidos lábios trêmulos. — Mamãe está com mêdo que eu vá ser uma solteirona.

Geralmente, eu saia depois de uma dessas cenas. Primeiro, dirigia-me para um bar existente no fim da rua. Depois, para um cinema ou um teatro de variedades, voltando novamente ao bar. Quando novamente chegava a casa, o pavilhão de danças Paraiso, do outro lado do beco, estaria no auge de sua atividade. A música chegava-me aos ouvidos, enquanto eu tentava escrever e o vidro colorido dependurado do lado de fora do corredor, balouçava ritmicamente, disfarçando com as suas côres um pouco da miséria e mesquinhez da nossa casa. No entanto, as manhãs eram sempre as mesmas.

Houve uma época pior do que as outras, quando mamãe descobriu que Laura abandonara o curso comercial, incapaz de suportálo por mais tempo.

Ouvi as suas palavras enquanto subia os degraus.

— Então, não teremos uma carreira comercial. E que vamos fazer o resto de nossas vidas? Apenas nos sentarmos em casa e olhar as paradas que passam? Divertimonos com a coleção de cristais, querida? Você não sabe o que acontece a mulheres solteiras sem preparo para ocupar uma posição na vida? Vi casos verdadeiramente dignos de pena no sul. Solteironas vivendo à custa de irmãos casados ou na casa de uma irmã, habitando um quarto miserável, comendo a casca da humilhação tôda a sua vida. Foi êste o futuro que planejamos para nós?

— Não! — gritou Laura histèricamente. — Não! Não!

Senti a necessidade de permanecer fora e tentar dominar os meus nervos um pouco.

— Juro que é a única alternativa — acrescentou mamãe. — E' claro que algumas moças se casam — ela parecia estar pensando nessa hipótese pela primeira vez em sua vida. — E' isso o que lhe acontecerá também, querida.

A voz de Laura era tão baixa que eu mal podia escutá-la.

— Mas, mamãe, eu sou aleijada.

A voz com que ela respondeu paccia assustada.

— Não diga essa palavra. Quantas vêzes já lhe pedi para nunca, nunca dizer essa palavra? Você apenas tem um pequeno defeito, dificil de notar. E, se você tem um pequeno defeito, tem de cultivar outras qualidades para compensar: simpatia... vivacidade... e simpatia.

— Mas, mamãe — Laura interrompeu lacrimejantemente. — Quem casaria com uma...

— Você não é aleijada — insistiu mamãe. — Não é! Ande, Laura, ande em volta do quarto! Faça como lhe digo. Quero ver você andar! — quando empurrei a porta, vi minha irmã caminhando pelo quarto, mais cônscia de seu defeito do que nunca. — Você não é aleijàda! — mamãe estava quase soluçando.

Não ousei permanecer no mesmo quarto juntamente com elas. Fui para o meu quarto, fechando a porta e comecei a procurar um livro que estava lendo. No entanto, mamãe veio atrás, com os olhos acusadores.

— Por que passou por mim daquela maneira? — perguntou. — Por que você está sempre se escondendo?

— Mamãe, — tentei ser calmo, mas daquela vez necessitava ajustar as contas com ela — você tirou o livro que eu trouxe da...

— Sim — retrucou ela. — Levei de volta para a livraria aquela horrível novela, aquêle fétido livro, escrito por aquêle louco e horrível escritor...

Senti-me mais perdido do que jamais me sentira.

— Não tenho uma só coisa nesta casa que realmente possa chamar de minha.

(*Cont. na pág.* 30)



MARIA DELLA COSTA,

(Cont. da pág. 19)

preendesse a necessidade imperiosa de um repouso. Por isso, só por isso, suspendeu as funções. De agora em diante, o espetáculo continuaria nos bastidores da vida. Novos planos, novos projetos, novos sonhos a realizar. De passagem pelo Rio, Maria Della Costa procurou a redação de A CENA:

— «Estou aqui no Rio de passagem, pois parto amanhã para São Paulo, onde procurarei um médico. Estou esgotadissima. Pretendo tirar umas férias e talvez faça um repouso em Poços de Caldas. Mas ainda tenho muito que fazer em São Paulo. Estamos construindo, eu e Sandro, um Teatro na rua 9 de Julho, em condominio, com 400 lugares, no custo de seis milhões de cruzeiros. Ainda estamos escolhendo qual será o nome. Se os leitores de A CENA quiserem ajudar-nos ficariamos muito agradecidos pelas sugestões. Pretendo também fazer um concurso para a escôlha de uma ingénua, dado o sucesso do concurso anterior — «em busca de um galã».

Aproveitamos uma pausa de Maria e perguntamos:

— Afinal, estamos percebendo que o seu entusiasmo pelo teatro é enorme. Que nos diz do cinema?

— «Sinceramente, nunca abandonarei o teatro. Prefiro comer pão e banana... mas no teatro. Mas também gosto de cinema. Fui convidada por Cavalcanti para fazer «Terra Sempre Terra», mas veio a temporada para o norte e resolvi partir. Mas outros convites virão, certamente. Agora começo a acreditar no Cinema Nacional».

— Que papel gostaria de viver na tela? — aventuramos.

— «Estou farta de papéis de camponêsa, de mocinha bonitinha. Gostaria de interpretar um tipo dramático. Pretendo mesmo fazer uma temporada no cinema, mas em filmes dramáticos. Mas tudo ainda está muito incerto, pois pretendo também visitar a Europa, ver teatro, cinema, enfim, estudar um pouco. Só depois de ir a São Paulo poderei resolver a minha situação e depois de um descanço, é claro».

A estas horas, Maria Della Costa já deve ter resolvido parcialmente seus problemas. Certamente recebeu convites para filmar na Vera Cruz, onde Fernando de Barros é agora produtor. Mas o que terá resolvido, nenhum de nós pode adivinhar. Pois o teatro exerce sôbre ela um fascínio irresistivel. E o resto é silêncio — já dizia o poeta. Mas isso são outros quinhentos, teria dito Kipling...



COTAÇÕES

1-FRACO; 2-REGULAR; 3-BOM; 4-MUITO BOM; 5-O'TIMO

"A MULHER SEM NOME"
(The Lady Without Passport — Metro)

HISTÓRIA simples, desenrolada em Cuba, onde um agente da Polícia de Imigração americana vai ao encalço de um homem que facilita o ingresso de certos cidadãos nos Estados Unidos por processos ilegais e clandestinos, mediante boa quantia. George McReady é o homem procurado. John Hodick é o agente de polícia, que acaba apaixonando-se por uma imigrante, Hedy Lamar, que Mc Ready não deseja perder de nenhuma forma. Mas no fim tudo acaba bem. O cenário é bom e a narrativa de Joseph H. Lewis, sóbria e segura, conduz os acontecimentos com simplicidade e convicção, apresentando-nos uma cinematografia comum, porém limpa, com alguns bons momentos. Fotografia muito boa de Paul Vogel. Música interessante de Alfred Newman, que valoriza algumas seqüências.

Cotação artística: 2½ **Cotação comercial: 3**

"LOUCURAS DE AMOR"
(Tell it to the judge — Columbia)

COMÉDIA divertida que focaliza mais uma vez algumas peripécias conjugais. Situações repetidas e chavões batidos e rebatidos, com mulheres surpreendidas em flagrante dentro de armários, espôsa com ciuminho e maridinho com justificativas cinematográficas. Corre daqui, corre dali, tudo se resolve às mil maravilhas. Algumas cenas são realmente engraçadas, graças a alguns bons trechos da cenarização e às interpretações de Robert Cummings e Rosalind Russell, especialmente o primeiro. Norman Foster dirige o espetáculo, sem grande inspiração, mas consegue, com êsses conhecidos ingredientes proporcionar-nos um espetáculo agradável.

Cotação artística: 2 **Cotação comercial: 3**

"PÂNICO NA RUA"
(Panic in the street — 20th. Century Fox)

SEMI-DOCUMENTÁRIO de qualidade, com direção vigorosa e firme de Eli Kazan. Sem ser pròpriamente um filme policial, apesar de o "pivot" ser um crime, o argumento visa focalizar a perseguição que é feita pela Polícia Marítima a dois criminosos que andam soltos pela cidade, em virtude de terem descoberto na vítima assassinada, fortes sintomas da Peste pneumônica, submetendo tôda a população a um terrível risco de epidemia. Além de um cenário eficiente, Kazan imprimiu um ritmo seguro à sua narrativa, com momentos demasiadamente violento, sem, no entanto, caír no exagêro. Tudo corre normalmente como se tôda a trama fôsse real. A platéia fica atenta e em crescente suspense, durante todo o espetáculo, especialmente na perseguição final, nas docas do cais, quando o último criminoso tenta evadir-se num navio que vai zarpar, e já cercado pela polícia. Richard Widmark está num papel diferente; desta vez faz o homem bom, médico da Marinha, e fá-lo com sinceridade. Paul Douglas faz o Comissário de Polícia que auxilia na busca do criminoso, e convence, como sempre, em qualquer papel. Barbara Bel Gedes pouco tem a fazer e está aceitável. Walter Jack Palance é, talvez, o melhor do elenco, na performance do criminoso. Temos ainda Zero Mostel, Dan Riss, Alexis Menotis, todos muito bem.

Cotação artística: 3½ **Cotação comercial: 3**

"FOLIAS NA ÓPERA"
(Follie per l'Opera — Art-Films)

ESPETÁCULO musical italiano. Sem ser pròpriamente uma segunda via dos musicais americanos, não deixou de seguir de perto a eterna fórmula californiana para o gênero. Um rapazinho deseja casar-se mas não tem dinheiro, embora o pai da pequena possua um luxuoso hotel-restaurante. Resolve promover um "show" fabuloso, contratando artistas de renome internacional, arranjando dinheiro por empréstimo solicitado a um agiota, dando como garantia, o restaurante do pai da moça, à revelia. Muitas complicações surgem, e algumas situações cômicas são encaixadas, e naquele vai-e-vem, entra-e-sai, corre-não-corre, o "show" é realizado, ouve-se boa música italiana, e todos ficam satisfeitos e o rapaz consegue um bom emprêgo e casa-se com a moça de seus sonhos. No "cast" temos Constance Dowling, Carlo Campanini, Gina Lollobrigida, Aroldo Tieri, e os cantores Gino Bechi, Tito Gobbi, Tito Schipa e Beniamino Gigli, que defendem com brilho a parte musical. Direção comum de Mario Costa, com alguns momentos de boa inspiração — sem saír do vulgar. Recomendado aos amantes da música italiana.

Cotação artística: 1½ **Cotação comercial: 2**



ÁGUA
INGLÊSA



ALGEMAS DE . . .

(Cont. da pág. 28)

— Rapazinho, abaixe a sua voz. Quero dizer-lhe uma coisa.

Estendi os braços para apanhar o chapéu e casaco jogados ocasionalmente sôbre a cama.

— Não vou escutar. Já ouvi de mais.

— Você vai escutar — agarrou-me, enquanto eu tentava sair, embora eu me tenha conseguido livrar. — Sou apenas a sua mãe, mas você devia cuidar de sua irmã. Você dorme três horas por noite e então vai trabalhar... deixe-me lembrá-lo que não tem nenhum direito de pôr o seu emprêgo em perigo, juntamente com a nossa segurança. Só pensa em si mesmo... você só pensa em si mesmo.

— Escute — encarei-a pela primeira vez. — Acaso você pensa que sou apaixonado pela Midcontinental Shoemakers? Pensa que desejo passar cinqüenta-e-cinco anos de minha vida no seu interior de celotex com luzes fluorescentes? Mas, eu vou. Tôda manhã, você vem gritando para o meu quarto: "Levante-se e brilhe... levante-se e brilhe!" — Invejo os mortos, apreciando a felicidade que usufruem. Mas, eu me levanto! Eu vou! A pouco e pouco vou desistindo de tudo o que jamais sonhei em ser e fazer! E você ainda diz que sou egoista. Por que escutar, se a noção de egoismo que tenho é exata, e não ir para onde o meu pai está! Tão longe aonde cheguem os meios de transporte.

Tentei empurrá-la para sair, mas desta vez segurou-me com um apêrto e me admirei da firmeza de aço de sua mão delicada.

— Aonde você vai? — demandou e, como lhe respondesse que ia ao cinema, o único lugar onde as condições financeiras me permitiam refugiar, retorquiu: — Não me diga essa mentira!

Virei-me tão selvagemente que quase a derrubei quando, finalmente, logrei livrar-me de sua mão.

— Você está certa — sorri frèneticamente. — Pelo menos uma vez em sua vida você está certa. Vou para lojas de ópio, lojas de vicio e esconderijos de ladrões. Sou um assassino alugado! Carrego uma metralhadora num estôjo de violino. Vivo uma dupla vida: de dia, pacifico empregado de uma loja de sapatos, à noite, um dinâmico czar do mundo do crime. Meus inimigos pretendem dinamitar êste lugar. Vão explodir uma bomba neste local e seremos jogados aos céus uma noite dessas. Ficarei contente, muito alegre, exatamente como você. Irá para a Montanha Azul, para o seu cume... num cabo de vassoura... juntamente com os seus dezessete visitantes, cavalheiros enamorados de sua beleza e de sua finesse...

De repente, enlouquecido no meu transe de frustração, joguei o meu casaco no quarto, sem olhar em qual direção. Ouvi o barulho produzido por vidro quebrado, enquanto êle ia de encontro à coleção de cristais que Laura tão cuidadosamente havia arrumado. E, então corri... saí correndo de casa, sentindo a vergonha sem esperança de minha vida infecunda.

Mas, eu voltei novamente à casa, como sempre o fazia, porque Laura estava lá e necessitava de mim. Levei comigo para ela o cache-col de um mágico, que vira àquela noite no teatro de variedades. Um cache-col mágico, um frágil pedaço de sêda com tôdas as côres do arco-iris, que eu apanhara quando êle o jogara para a platéia quando terminou o seu número. Era para suavisar a mágoa de Laura que lhe ofereci o cache-col e encerrava tôdas as pequeninas palavras de perdão que a minha própria mágoa não me permitia pronunciar.

Os liliputianos animais de cristal estavam novamente colocados no lugar de costume e mesmo na penumbra que nos engolfava consegui notar os pequenos estragos que Laura, mesmo com a sua longanimidade, não conseguira consertar. Ela estava sentada à janela, contemplando o Pavilhão de Danças Paraiso.

— Isto é para você. E' um cache-col mágico de um prestidigitador. Basta balançá-lo sôbre a gaiola de um canário e terá um aquário de peixes de ouro. Basta acenar sôbre um aquário de peixes de ouro e êles sairão voando, metaforfoseados em canários. — e quando ela sorriu e esfregou a sua mão delicadamente sôbre o pedacinho de sêda, senti lágrimas me queimarem os olhos. — Gostaria que fôsse grande bastante para cobrir todo êsse feio mundo.

Laura agitou a sua cabeça delicadamente.

— Tom, o mundo não é feio. Enquanto estava esperando por você, fiquei escutando a música do Paraiso. Era linda, todo o mundo era belo.

Ela também parecia muito bonita, com as côres de arco-íris balauçando-se dòcilmente em seu colo e as luzes do arco-iris da luz em frente ao pavilhão de danças, tornando a sua face suave e luminosa. Mas, a minha amargura era por demais profunda para ser dissolvida por uma beleza transiente.

— Por quê? — indaguei bruscamente. — Porque uma pequenina parte do mundo está iluminada por luzes que parecem com o arco-íris? E a outra parte, vagarosamente destruida, como as peças de sua coleção? Quando ela fêz um débil gesto de desespêro e se virou, senti que ainda havia algo em mim, capaz de me mover a lhe pedir desculpas. — Não quis ofendê-la, Laura. Lamento muito. Foi por isso que lhe trouxe o cache-col, para pagar os animaizinhos quebrados. Sòmente... sòmente desejaria possuir a palavra mágica que o acompanha.

Ela se debruçou e beijou-me. E a música tocava. Enquanto eu a escutava, pensei em todos os lugares onde, àquela noite, havia música e nas pessoas que a ouviam sentadas à penumbra, esperando que algo acontecesse. E indaguei a mim mesmo se jamais deixaria aquela casa e isto aconteceria comigo.

Em seu modo quieto e misterioso, Laura parecia compreender. Sentia que a minha resistência se enfraquecia. Sabia o quanto era dificil enfrentar um novo dia. A manhã e a noite e longa parte do meio passados no depósito de sapatos.

Teria deixado o meu emprêgo — e o quis mais de cem vêzes — se não fôsse por causa de Laura. Havia qualquer coisa em mim que me fazia odiar essa situação, enquanto outros a suportavam alegremente. Muitas vêzes entreguei-me à Musa, imaginando porque deveria eu ser diferente dos outros, da massa trabalhadora composta de homens sem mentalidade, contentes em fazer o seu trabalho. Desde que eu não podia ser como êles, contente em executar os meus deveres de empregado, por que, pensei, eu não podia ser como Jim O'Connor. Jim também trabalhava lá, mas estava claro que apenas abria o caminho para coisas melhores e mais importantes. Não havia a menor dúvida sôbre isso, Jim era um homem conhecedor de suas ambições, aonde desejava chegar, e já se encontrava a caminho.

Tinhamos estudado na mesma classe na escola, embora nunca houvéssemos passado daquela situação denominada de coleguismo. Jim estivera sempre alumiado pelos refletores da simpatia, quer como jogador de futebol, astro da produção teatral da escola e membro das mais diversas sociedades... E eu, eu me sentira sòzinho, mesmo naquele tempo. Até mesmo no depósito, Jim era o que sempre fôra e estava acostumado a ser, um extrovertido e, embora não tivesse mais inteligência do que a maioria dos outros trabalhando ali, a gente acreditava nêle quando falava de um sucesso a ser alcançado algum dia. Eu acreditava também. Era como se isso estivesse escrito diante de meus olhos, que de todos os livros que ensinavam como obter o sucesso e de todos os cursos que freqüentava, Jim emergeria perante a vida como um sucesso.

Não éramos amigos, mas, repentinamente, um dia quando mamãe havia sido mais do que veemente no seu pedido para que trouxesse um rapaz para apresentar a Laura, eu o convidei, nunca acreditando, no entanto, ver o meu convite aceito, pois o quanto as minhas noites eram vazias, as suas eram cheias de atividades. Para minha surprêsa, êle aceitou o meu convite para nos visitar à noite seguinte.

Àquela noite, a caminho de casa, pensei haver comprado a minha liberdade daquelas cenas intermináveis. Mas, logo após deitar-se com a sua alegria, mamãe encontrou uma válvula para o seu inquieto pensamento. Como poderia ela preparar a casa para uma ocasião tão importante?

— Olhe para aquela cama! E aquela lâmpada! O tapête com aquêle aspecto velho! Oh, se pelo menos tivéssemos tempo para pôr papel nas paredes! Oh, Tom, não temos uma abençoada coisa para vestir!

Nessa ocasião eu estava simplesmente enojado. Mas, agora, ao recordar-me, envergonho-me de minha falta de piedade em não compreender o seu ponto-de-vista. Ali estava o outro lado de mamãe, aquêle digno de respeito. Mal acabava eu de fechar a porta atrás de mim, na manhã seguinte, ela começou a transformar a casa. Esfregou o assoalho e lavou as janelas, tanto surrou os macróbios tapêtes que, cansadas, as rosas quase emurchecidas apareceram novamente. Poliu os metais do fogão e quando um momento de cansaço a fêz parar, a sua interminável e renovada esperança pelo futuro de Laura a fêz recomeçar.

Encontrou até mesmo tempo para fazer compras naquele dia. Pedindo dinheiro emprestado para pagar as contas, conseguiu crédito para comprar as coisas necessárias, inclusive abajours para as lâmpadas. Mas, não pensei no terror que sentia dentro de si para fazer tôdas aquelas coisas exatamente na noite que traria Jim O'Connor à nossa casa. Sòmente tinha noção de sua bobagem.

Laura abriu a porta para nós, parecendo tão encabulada e sem jeito, que soube imediatamente que mamãe a forçara a nos receber. Quando reparei no que mamãe lhe tinha feito, instando-a a usar um vestido complicado para um jantar informal como aquêle, cerrei os pulsos, sem nada poder fazer. Ao olhar Jim daquela maneira acanhada, o meu asco se estendeu até ela, pois, como poderia eu imaginar que êle fôra o seu Principe Encantado desde os tempos de ginásio e ela trazia a sua imagem no coração?

Recordo-me do olhar de mágoa estampado no rosto sensivel de minha irmã quando os apresentei e Jim não se lembrou dela, agindo como se a estivesse vendo pela primeira vez. No entanto, pedi à Providência Divina que a fizesse agir — pelo menos um pouquinho — como as outras moças de sua idade. Mas, quando ela capengou para a cozinha, a fim de chamar mamãe para nos cumprimentar, para a minha despenteada genitora convergiu tôda a minha atenção.

Trajava um vestido ressuscitado de seu velho baú, e ao ver a flor deixada ocasionalmente em seu colo, pensei que quase lograra reviver a história de sua mocidade, embora isso não ajudasse muito o embaraço sentido por ela.

Jim foi completamente oprimido pela amostra de vivacidade sulista. Mas, havia aquêle "quê", permitindo-lhe adaptar-se a qualquer coisa, mesmo êsse inesperado abôrto de simpatia social. Num momento estava sorrindo e gargalhando, como se houvesse conhecido mamãe tôda a sua vida. Mesmo quando ela começou a falar sôbre Laura, não se sentiu embaraçado, como acontecia com a maioria dos homens.

— Querido, — virou-se ela para mim — pergunte à mana se o jantar está pronto. Diga-lhe que vocês, homens famintos, estão esperando.

O jantar foi um sacrificio. Quase imediatamente, Laura pediu licença e teve de ser desculpada, pois se sentia mal. No entanto, nem mamãe nem Jim pareciam perturbados por isso. E, quando terminou, mamãe conseguiu uma maneira para deixá-los a sós, enquanto ela e eu lavávamos os pratos.

Por um instante, sòmente se podia ouvir a voz de Jim. Fàcilmente, eu podia imaginar a face de Laura com êle, numa agonia de confusão. Mas, Jim sabia como tratar as pessoas, e isso era uma das razões pelas quais lograria vencer na dura luta da vida e, de repente, surpreendi-me ao ouvir a risadá de Laura.

Foi tão inesperada, que tive de ir dar uma espiada da porta que mamãe não fechara completamente.

— Mr. O'Connor, o senhor ainde canta? — Laura estava perguntando. E como Jim a olhasse surprêso, ela sorriu: — Não creio que o senhor se lembre de mim... Sentava-me geralmente do outro lado da nave do auditório da escola...

— Puxa, é mesmo — o eterno sorriso de Jim se debuxou novamente em seus lábios. — Agora me lembro de você. Costumavam chamá-la de Rosa Azul. Você chegava sempre tarde.

O sorriso tremeu um pouco nos lábios de Laura.

— Sim — retrucou quietamente. — Era-me tão dificil subir as escadas. Eu... eu usava um aparelho ortopédico em minha perna. Fazia tanto barulho...

— Nunca ouvi nenhum barulho — respondeu Jim.

— Não ouvia? — Laura soergueu os olhos. — Para mim fazia o barulho de um trovão! Era horrível ter de caminhar pela nave, fazendo aquêle infernal barulho, enquanto todo o mundo olhava para mim.

— Então, era por isso que você se fechava dentro de si mesma! Você não deveria ser tão autocônscia. A gente não é tão horrível quando começa a conhecê-la. Todo o mundo tem problemas. Apenas olhe para os seus lados e verá uma porção de gente tão desapontada como você.

Afastei-me da porta, mas tive de voltar alguns instantes depois, pois novamente Laura estava gargalhando.

Estavam sentados juntos no chão e Jim virava as fôlhas de um velho livro anual do nosso ginásio.

— Veja, — dizia êle — aqui estou, enquanto interpretava o papel principal de "Os Piratas de Penzance", e aqui diz que eu estou fadada a triunfar em qualquer coisa em que me meta — novamente se debuxou em seus lábios aquêle sorriso juvenil que eu tão bem conhecia. — Creio que você acha que eu penso um bocado em mim.

— Oh, não! — Laura retrucou suavemente. — Não, não creio.

— Você devia pensar um pouco mais em si mesma — disse Jim, finalmente. — Tenho um amigo que afirma que posso analisar pessoas melhor do que médicos que vivem disso. E você sabe o que penso de seu caso? Tem um complexo de inferioridade. Você sabe que êste é o nome dado às pessoas que se menosprezam a si mesmas. Assim, aconselho-a a pensar que é superior em alguma coisa. Olhe em redor e o que vê você? Um mundo atulhado de gente comum. Quem tem, pelo menos, um décimo de suas boas qualidades? Olhe para você agora. Deixou de ser encabulada há uma hora. Não seria engraçado se você nunca mais se lembrasse de ser encabulada de novo? Se de agora em diante você apenas se lembrasse que é uma pessoa bastante atraente? Ninguém nunca lhe disse que você é bonita? Pois bem, você é — Jim prosseguiu, enquanto Laura o olhava com aquêles seus olhos bonitos. — E de uma maneira diferente do resto das pessoas. Muitas moças são comuns como capim, mas você, bem, você é a Rosa Azul.

Achei engraçado o modo como Laura o olhou, como se estivesse despertando de um sonho.

— Mas o azul não é a côr exata para uma rosa.

— E' exata para você — respondeu Jim. — Você é bonita. Seus olhos, seu cabelo, até mesmo as suas mãos. Talvez você pense que estou dizendo isso porque fui convidado para jantar e tenho de ser delicado. Mas, não. Estou falando-lhe sinceramente, porque alguém tem de elevar-lhe a confiança e fazê-la orgulhosa, ao invés de encabulada.

Quando a música do Paraiso começou a tocar, como se o sorriso de Laura fôsse a deixa, êle segurou a sua mão.

— Vamos dançar.

(Cont. no próximo número)

O CAVALEIRO DE...

(Cont. da pág. 17)

— Não serei infeliz, Sire, se Sua Majestade me conceder exprimir um desejo.

— Está concedido, minha querida, está concedido...

— Apenas que a cerimônia seja realizada na Abadia de Saint Dunstan.

— Uma vaidade feminina, Conde — riu o rei para o conde de Flanders. — Está concedido, minha querida.

— Obrigado, Sire — Marianne agradeceu e se retirou, sem nem ao menos dirigir os olhos para o Conde.

— Flanders, tu me enganaste — disse o rei. — Ela vale dez mil de teus homens.

Enquanto os barões organizavam os seus exércitos, Robin usava os seus homens da melhor maneira possivel. Agora, centenas se haviam agrupado sob a sua liderança e os homens do rei se locomoviam apenas em número bastante para se defender. Na situação em que se encontravam os acontecimentos, tentava-se tirar o máximo proveito do tempo e enquanto os barões tinham os seus exércitos preparados, os soldados do rei estavam desbaratados pelo pais, incapazes de se comunicarem em virtude dos ataques de surprêsa dos homens de Robin Hood. No dia em que os mercenários de Flanders puseram o pé no solo da Inglaterra, seria realizada a cerimônia do casamento de Marianne.

A sua fê em Robin era forte de mais para que se desesperasse. Por mais de uma vez Sir Giles perguntou por qual motivo se ia fazer uma jornada tão longa quando a cerimônia poderia ser realizada ali mesmo no castelo. Não havia resposta para êle. Contudo, Sir Giles obteve resposta a qual, foi dada por homens que se vestiam de verde e que surgiram de um minuto para outro de todos os lugares, quando o séquito se aproximava da Abadia, homens cujas flechas desbarataram os soldados e espantaram os ginetes.

Robin havia preparado a armadilha a apenas três milhas da Abadia. O Rei João não teve escolta. Em seu redor se achavam todos os homens de Robin Hood, todos os bandoleiros da Floresta Sherwood; diante dêles: os barões da Inglaterra; atrás dêle: misérias e ruinas. Não havia outra escolha senão lutar. Os soldados do rei eram experimentados guerreiros, embora esta luta lhes tenha sido quase fantasma, pois lutavam contra sombras verdes que se confundiam com as árvores onde estavam escondidos.

Robin, é claro, dirigiu-se diretamente para a carruagem do rei e de Marianne. Ignorando o espantado monarca, o Conde de Huntington ergueu a dama em seus braços, levando-a para a segurança, e voltou ao campo de luta. Tinha um negócio particular a tratar.

O Conde de Flanders era um lutador valente e hábil, mas não era adversário para a fúria de Robin. Quando as suas espadas se encontraram, ambos sabiam que era o destino da Inglaterra que se disputava.

Quando o chefe dos bandoleiros venceu o conde, abatendo-o, os homens do rei se aproveitaram do momento de confusão que se havia apoderado de todos para fugir.

Seguro de sua vitória, mas preocupado de mais com a segurança de sua amada, Robin ficou à margem dos acontecimentos, embora o mesmo não acontecesse com os barões da Inglaterra, que o mandaram chamar por intermédio de Pequeno João.

— Os barões da Inglaterra exigem a tua presença, Robin, a fim de terminares o teu trabalho.

— Onde se encontram êles? — indagou Robin.

— Num campo chamado de Runnymeade, onde o Rei João acedeu em assinar um acôrdo dando anistia geral.

Assim, Robin Hood, Conde de Huntington, teve ocasião de presenciar a assinatura de um documento que ficou na história: a Carta Magna. Quando o fato foi consumado e os barões se regozijavem entre si, Pequeno João virou-se para o Arcebispo de Canterbury:

Qual a recompensa para o meu amigo, Robin?

— Não sou o rei, — respondeu Langton sorrindo — embora o jovem Huntington seja digno de uma grande recompensa.

— Vós tendes poder maior do que o do rei — retrucou Pequeno João, enquanto se encaminhava para Robin e Marianne e os trazia à sua presença:

— O meu amigo pede uma recompensa para mim — disse Robin ao prelado. — Acontece que onde tantos ganharam a almejada liberdade, eu desejava tornar-me um útil vassalo — com isso, apresentou Marianne a Langton.

O arcebispo contemplou a moça, que enrubescera, e então dirigiu o seu olhar para os cavaleiros da Inglaterra.

— Não creio que encontremos um altar melhor do que o hoje erigido aqui.

Desta maneira, Robin, o filho de Robin Hood contraiu matrimônio com a bela dama Marianne no campo de Runnymeade. A paz veio para a Inglaterra e os gritos dos caçadores veio substituir os gritos dos lutadores na Floresta de Sherwood.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil
Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artistico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.
VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —
Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.
EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS
DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
— JUNTO AO TÚNEL NOVO —

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK





NEWTON FERREIRA COUTO

O CINEMA brasileiro caminha para a frente e para cima. Todo filme brasileiro deve ser visto. O cinema nacional revela grandes valôres. Tivemos em 1950, no setor masculino o aparecimento intempestivo e sensacional de José Lewgoy, na categoria de tipo mal encarado. Agora teremos em 1951 a revelação de Newton Couto, na categoria também dos característicos. Êle faz um tipo «tarado», que não pode ver mulher, ai, ai, ai, juro que não pode não, ai, ai, ai... Newton é carioca. Nasceu há 27 anos passados nesta leal cidade de S. Sebastião do Rio-de-Janeiro, Distrito Federal, Brasil. Mede 1,72m., e pesa 46 quilos. Tem cabelos castanhos e olhos castanhos-escuros. Bacharel em ciências e letras. Foi funcionário da Light, mas desistiu para seguir a carreira jornalística. Escreveu em «Cine Rádio-Jornal escrito», na seção de fãs da «Cena Muda», e na revista «Carioca». Em seguida foi secretário da revista «Celebridades», que lançou grandes nomes do jornalismo brasileiro atual como Carlos Fernando, José Leal, Clóvis Castro, Haroldo e outros. Foi secretário de publicidade de Luiz Alipio de Barros. Na «CENA MUDA» criou a seção «Luminares da Câmera» focalizando os grandes cinegrafistas da atualidade. Organizou e realizou uma das melhores e maiores publicidades de filmes brasileiros, a de «Cavalo 13». Publicidade tão impressionante que quando o filme foi exibido, de ruim que era, quase que Newton apanhava dos amigos e colegas!... Êle próprio se decepcionou com a fita... Teòricamente é um dos sujeitos mais interessados em cinegrafia (fotografia de cinema) no Brasil. Solteiro, sem pretensões... Não é mau sujeito, mas é visto constantemente em péssimas companhias. Descoberto por Lombardi, aparece em um dos papéis principais de «Hóspede por uma noite», uma das mais recentes produções nacionais. O «role», dizem todos, condiz bem com a sua personalidade. Que o diga a máscara fotográfica, devida ao «luminar da câmera» Antônio Gonçalves.

PAULETTE GODDARD

É NATURAL de Great Neck, N.Y., Estados Unidos da América do Norte. Nasceu já morena e já bonita, a 3 de junho de 1911. Tem cabelos negros e olhos verdes. Mede 1,62m. e pesa 50 quilos. Foi bailarina, corista, contratada de Hal Roach para comédias curtas e filmes-revistas, e seu talento dramático foi descoberto por Chaplin, um dos seus ex-maridos. Também foi espôsa de Burgess Meredith, ótimo ator e diretor interessante. No cinema desde 1932. Trabalhou para a United, Metro, Paramount, Fox, Columbia e Eagle-Lion Classics. Relação de seus filmes, pela ordem: «O Meu Boi Morreu», 1932; «Tempos Modernos», 1936; «Jovem no Coração» e «Escola Dramática», 1938; «As Mulheres» e «O Gato e o Canário», 1939; «Castelo Sinistro», «Legião de Heróis», «Amor de Minha Vida» e «O Grande Ditador», 1940; «Ouro do Céu», «A verdade núa e crúa», «A Porta de Ouro», 1941; «Vendaval de Paixões», «Num Corpo de Mulher», «Clarão no Horizonte», 1942; «Coquetel de Estrêlas», «A Bola de Cristal», «A Legião Branca», 1943; «A Irresistível Impostora», «Serei sempre tua», 1944; «Flor do Lôdo», 1945; «Segrêdos de Alcova»; «Carnaval de Estrêlas», 1946; «Os inconquistáveis», «Relíquias de Amor», «Miragem dourada», 1947; «Uma mulher no meu passado», «Escrava do pano verde», «No nosso alegre caminho», 1948; «O Veneno dos Borgias», «Anna Lucasta», 1949; «The Torch» e «The Bargain», 1950 Paulette, que tem um corpo infernal, já foi cortejada na tela por altos figurões da moda como Bob Hope, Charlie Chaplin, Gary Cooper, Robert Preston, Preston Foster, Fred Astaire, Burgess Meredith, James Stewart, Charles Boyer, Ray Milland, John Wayne, Fred MacMurray, Sonny Tufts, Francis Lederer, Hurd Hatfield, Macdonald Carey, Michael Wilding, John Lund, Oscar Homolka, William Bishop, Scott Brady, Broderick Crawford e Pedro Armendáriz.

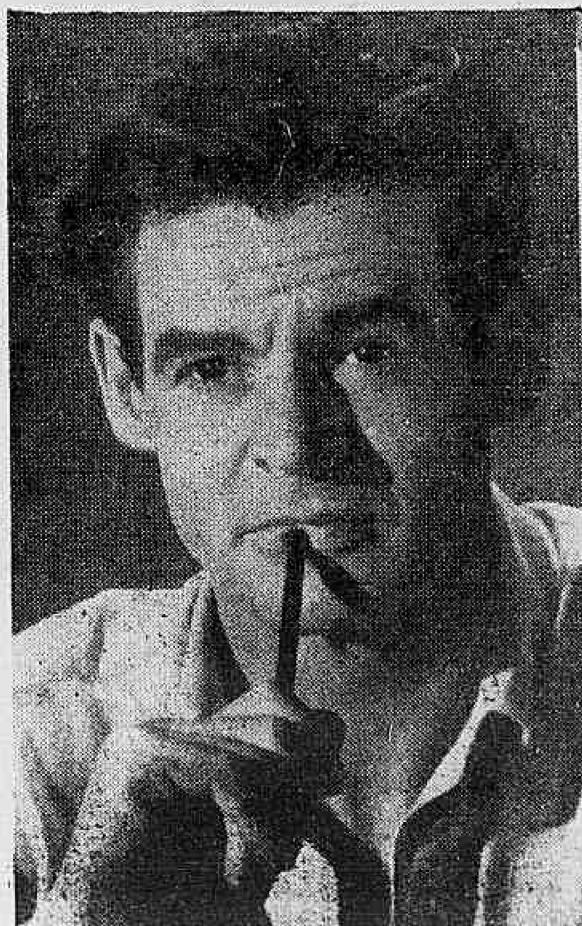
JOAN CAUFIELD

NASCEU em Orange, New Jersey, EE.UU., a 1 de junho de 1922. Loura, de olhos azuis. No cinema desde 1946. Filmes até hoje (na Paramount, Warner e Universal): «A vida é uma Só», «Romance Inacabado», «Monsieur Beaucaire», «Deus me deu um amigo», «Ruth Querida», «Miragem Dourada», «Sem Sombra de Suspeita», «Aves de Rapina», «As duas santinhas», «Brotinho Infernal». Bing Crosby, Fred Astaire, Bob Hope, William Holden, Hurd Hatfield, John Payne, George Reeves, e Robert Cummings foram alguns dos seus galãs.



ROBERT RIAN

NASCEU em Chicago, Illinois, EE.UU., a 11 de novembro de 1913. Mede 6 pés e 3 polegadas de altura e pesa 194 libras. Tem cabelos prêtos e olhos castanhos. Casado, com filhos. No cinema desde 1941, sendo a maioria dos seus filmes realizados pela RKO Rádio. Os mais famosos destes são «Luvas de Ouro», «Legião de Heróis», «Bombardeiro», «Tudo por ti», «Atrs do sol nascente», «A incrível Suzana», «Marine Raiders», «Gangway for tomorrow», «Mulheres de ninguém», «A mulher desejada», «Trail Street», «Rancor», «A volta dos homens maus», «Expresso para Berlim», «O menino de cabelos verdes», «Nuvens de tempestade», «Cada vida seu destino» e «Alma sem pudor», além de «Punhos de Campeão», sem dúvida a sua melhor interpretação até hoje, por causa da direção inteligente de Robert Wise, um dos bons diretores de Hollywood. Fora da RKO, Robert Ryan apareceu no filme da Metro «Coração Prisioneiro». Êle já coestrelou com grandes figuras femininas como Ginger Rogers, Joan Bennett, Glória Grahame, Merle Oberon, Claudette Colbert, Audrey Totter , Bárbara Bel Geddes e Joan Fontaine.



música

CONSIDERAÇÕES SOBRE BACH

A obra de João Sebastião Bach, o mestre da música, é a mais completa possível, abrangendo todos os gêneros, com exceção da ópera. Criador de uma extensa obra musical, Bach levou perto de cinco anos escrevendo as suas numerosas cantatas, não existindo, porém, atualmente, pouco mais de duzentas. Escreveu cinco paixões, porém só conseguiram chegar até nossos dias duas delas, a PAIXÃO SEGUNDO SÃO MATEUS e a PAIXÃO SEGUNDO SÃO JOÃO, tendo as outras se perdido. A conhecida PAIXÃO SEGUNDO SÃO LUCAS, não é de sua autoria, apesar das afirmações em contrário. A única missa do genial compositor que se conserva é a monumental MISSA EM SI MENOR e foi escrita para a Capela Real da Saxônia. Sua obra instrumental é extraordinária e compreende todos os estilos conhecidos na sua época, Fugas, Sonatas, Prelúdios, Tocatas, Fantasias, Suites para orquestra, Suites para teclados, Variações, Concertos Corais, etc.

As suas melhores obras foram sem dúvida, os 48 prelúdios e fugas em todos os tons maiores e menores para o cravo. Bach recebeu no início de seus estudos a influência de Pachelbel, e portanto do baroco alemão, vindo depois a sofrer as influências da escola alemã do norte. Deixou-se também influenciar por Corelli, Vivaldi, Lully e por inúmeros cravistas franceses, vindo mais tarde libertar-se de tôdas as influências para crear o seu estilo próprio.

A época de sua morte, isto é, em 1750, sòmente os mais esclarecidos em música eram capazes de compreender e apreciar Bach, enquanto o resto de tôda a Europa colocava Haendel acima de Bach. A tendência oposta só começou a aceitar Bach após a execução pública da Paixão Segundo São Mateus, em 1829, na Singakadeime de Berlim, sob a batuta de Felix Mendelssohn, que muito trabalhou, a fim de tomar conhecida a obra do genial compositor.

OSWALDO DA CUNHA

★

GIUSEPPE VERDI

COMEMOROU-SE a 27 de janeiro próximo passado, o cinqüentenário da morte do famoso compositor italiano Giuseppe Verdi. Nascido a 10 de outubro de 1913, em Roncole, Itália, Verdi veio ao mundo no mesmo ano em que Wagner, o genial compositor alemão, nascia. Iniciando seus estudos com o organista da capela de sua aldeia natal, foi tão grande o seu aproveitamento que aos doze anos de idade já substituia o seu mestre nesse encargo.



GIUSEPPE VERDI

Mesmo demonstrando grande paixão pela música, não deixou Verdi de sofrer três grandes revézes no início de sua carreira. Transferindo-se para Milão, onde pretendia matricular-se no Real Conservatório, sujeitando-se ao exame de admissão, daquêle estabelecimento de ensino musical, não foi aceito Mais tarde tentou novamente, porém, novo fracasso. Uma terceira tentativa foi feita, esta porém como candidato a organista da igreja de S. Giacomo, sendo mais uma vez regeitado. Depois dêsses insucessos, Verdi resolveu estudar particularmente com um músico do Scala, impressionando com a rapidez dos progressos de Verdi nos estudos. Lavigna, seu professor, resolveu ampará-lo e incentivá-lo, por considerar uma injustiça os revezes sofridos pelo seu discipulo. Foi então que a primeira ópera de Verdi, CONDE DE SÃO BONIFÁCIO, foi cantada no Scala, com grande êxito em novembro de 1839. Seguiram-se logo após o PROSCRITO e UM GIORNO DI GERNO, ambas verdadeiros fracassos Casou-se com a filha de Berezi, amigo de seu pai e grande protetor seu; teve dois filhos, foi porém, também muito infeliz, pois em poucos meses perdeu tôda a família Casou-se em seguida côm a cantora Giuseppina Strepponi, que foi a primeira intérprete da sua ópera ORBERTO O repertório de Verdi é extenso e suas obras cheias de pujante musicalidade, entre as mais notáveis e conhecidas contam-se: RIGOLETO, TROVADOR, TRAVIATA, SIMÃO BOCANEGRA, UN BALLO IN MASCHERA, LA FORZA DEL DESTINO, AIDA, OTELO, e FALSTAFFT. Êste notável e inegualavel compositor, glória da música universal e orgulho da Itália, faleceu aos oitenta e sete anos, em Milão, no dia 27 de janeiro de 1851.

NOTICIÁRIO

ARTUR RUBSTEIN

Bastante alviçareira, para os amantes da boa música, especialmente para os freqüentadores da «saison» próxima, à inaugurar-se, é sem dúvida, a vinda ao Brasil, depois de uma prolongada ausência, de Arthur Rubstein. Contratado por uma das nossas sociedades artístico-culturais, o nome do grande mestre encabeçará a lista das celebridades que serão aplaudidas pelas platéias brasileiras.

E por falar em Rubstein, êste notável pianista que tantas vêzes tem emprestado o seu concurso ao cinema, vem de fazê-lo novamente em «Night Song», filme em que interpreta êle mesmo, executando vários números de seu repertório.

Pausa para meditação



GABY ANDRE' — (Warner Bros.)

Notícias

Todo o mundo musical dos Estados Unidos anda com as músicas «The Tunnel of Love», «Oh Them Dudes» e «Why Fight the Foeling», na cabeça e muito casalzinho amoroso anda procurando os parques de diversões em busca de um «túnel do amor»...

Aliás, o grande dansarino que é Genny Kelly asseverou, falando de Fred Astaire: «Êle é, para mim, o melhor artista coreográfico do cinema e eu sempre me considerei o seu maior admirador». Mas não se pode falar em Astaire sem pensar em Betty Hutton, a temperamental estrêla de tantos sucessos e de cuja voz já houve êste comentário de um conhecido crítico de música: «A voz de Betty Hutton tem tal sedução que a gente não sabe se chora de felicidade ou se lhe dá um beijo na testa!...»

★

Em «Retrato de um assassino», da Art-Films, Erich Von Stroheim interpreta o papel de um antigo acróbata que rompeu a coluna vertebral. Sua aparição no filme é fantasmagórica, e êle não desperta qualquer piedade, mas mêdo, isso sim .. No mesmo filme Dálio personifica o pequeno inventor cínico de jogos do circo particularmente perigosos. Seu sorriso de iluminado faz passar pela platéia um «frisson» quando êle explica a Maria Montez o funcionamento de sua última descoberta: o duplo salto da morte, de um automóvel lançado de um trampolim de 10 metros de altura...

★

Não foi sem dificuldades que os realizadores de «Hans», «Le Marin» (cujo título para nós será provàvelmente «A Cidade Maldita»), efetuaram a rodagem dêste filme em Marselha. Com efeito, êle criou verdadeiros problemas como a organização de um serviço de garantia para manter a ordem e manter à distância a exuberante turba de curiosos que se ajuntava em redor da equipe e das máquinas, principalmente garôtos e jogadores de futebol, que abandonavam as ocupações comuns... para vir conhecer em carne e ôsso seus artistas favoritos, especialmente Lili Palmer, estrêla do filme.

★

Depois de recusar 150 candidatas para o papel cinematográfico de Jane, a companheira de Tarzan, que presentemente é Lex Barker, o produtor Sol Lesser escolheu Virgínia Huston. A jovem aparecerá no próximo filme de Tarzan, «Tarzan's Peril», que está sendo dirigido por Byron Haskin.

Virgínia Huston, que se destacou num concurso popular levado a efeito por uma revista, com uma das mais promissoras estrêlas cinematográficas, estêve cêrca de um ano recolhida a um hospital, com uma lesão na espinha: «Tarzan's Peril» marca o seu regresso ao cinema, completamente restabelecida.

A bela atriz, que é a 15ª Jane, na história do Rei da Selva, no cinema, integra um elenco de que fazem parte, além de Tarzan, George Macready, Glenn Anders, Douglas Fowley e Dorothy Dandridge.

Aguardem o

ANUÁRIO DO

ESPORTE
Ilustrado

DE 1951

que já está em confecção,
trazendo todo o movimento
esportivo do ano

★

O mais completo no genero

ESTÁ À VENDA EM TODA A PARTE O



31º ANO

1951

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr$ 20,00
EM TODO O BRASIL

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.